

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS ARARAQUARA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LÍNGUA  
PORTUGUESA

Thiago Moreira Correa

**Leitura multimodal nos muros da escola:**  
desafios e oportunidades na Educação Básica

Relatório Final das atividades do Pós-Doutorado realizado, entre novembro de 2024 e julho de 2025, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara, e financiado pelo Edital 06/2024/PROPG -PROPe - Programa Unesp de Pós-Doutorado.

**Linha de Pesquisa:** Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

**Supervisora:** Profa. Dra. Matheux Nogueira Schwartzmann.

**Número do projeto:** 5733

Araraquara  
2025

Correa, Thiago Moreira. **Leitura multimodal nos muros da escola: desafios e oportunidades na Educação Básica**. Relatório de pós-doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na FCLAr-UNESP, 2025.

RESUMO: O presente relatório apresenta as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pós-doutorado intitulado "Leitura multimodal nos muros da escola: desafios e oportunidades na Educação Básica", realizado entre novembro de 2024 e julho de 2025, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – Câmpus de Araraquara, com financiamento da PROPG/PROPe, cuja vigência foi de 01/11/2024 a 30/06/2025. A pesquisa concentrou-se na análise das inscrições urbanas nos muros de escolas públicas de Araraquara, compreendidas como práticas semióticas (Fontanille, 2008) que expressam dinâmicas de poder, participação discente e éthos institucional. A partir da tipologia das inscrições, dos “regimes de interação” (Landowski, 2014), do estilo e do grau de refinamento plásticos, o estudo identificou como essas manifestações visuais refletem diferentes formas de gestão escolar e níveis de abertura à intervenção estudantil. A investigação aprofundou-se nas dinâmicas de identificação e reconhecimento das formas de vida "rueira" e "artística" (Fontanille, 2015; Correa, 2025), destacando como expressões visuais oriundas de grupos marginalizados — como jovens periféricos, imigrantes e negros — são frequentemente reinterpretadas por instituições escolares sob uma lógica de valorização estética que desconsidera seus contextos de origem. Esse processo transforma manifestações espontâneas em representações legitimadas, mas esvaziadas de suas dimensões críticas e sociais. Ancorado nas contribuições teóricas de Floch (1985) e nos fundamentos da semiótica greimasiana, o estudo demonstrou que os muros escolares atuam como dispositivos simbólicos que delimitam o espaço físico e, simultaneamente, materializam disputas por visibilidade, pertencimento e memória. Ao selecionar imagens alinhadas ao repertório artístico dominante, o espaço escolar tende a silenciar as origens periféricas das expressões rueiras e a reforçar uma hierarquia cultural que exclui narrativas dissidentes. Essa análise permitiu compreender como a filtragem simbólica (Correa, 2024) dessas manifestações impacta diretamente a construção identitária de jovens estudantes e transforma o espaço público escolar em um território de controle discursivo. As inscrições, ou sua ausência, funcionam como indícios da cultura institucional, ao sintetizar os modos de legitimação, silenciamento ou resignificação das vozes estudantis, revelando os mecanismos de poder que regulam a circulação de sentidos no ambiente educacional.

## Sumário

Introdução .....	3
Objetivos .....	5
Material e Métodos .....	6
Resultados .....	7
Discussão .....	9
Relato das atividades .....	11
Atuação no Grupo de Pesquisa em Semiótica (GPS-UNESP) .....	12
Publicações e Organização .....	13
Pareceres .....	14
Atividades didáticas .....	14
Curso de Pós-Graduação (não realizado).....	15
Curso de Extensão e Objeto Digital de Aprendizagem (realizado parcialmente) ....	15
Participação em Bancas e Coorientações.....	17
Coordenação de Simpósios e Organização de Eventos .....	19
Apresentações em Eventos .....	20
Conclusões .....	21
REFERÊNCIAS .....	23
ANEXOS .....	25

## Introdução

Este relatório apresenta as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pós-doutorado intitulado “Leitura multimodal nos muros da escola: desafios e oportunidades na Educação Básica”, realizado entre novembro de 2024 e julho de 2025, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – Câmpus de Araraquara, com financiamento da PROPG/PROPe. Com vigência oficial entre 01/11/2024 e 30/06/2025, o projeto teve como objetivo principal investigar as inscrições urbanas nos muros escolares como práticas semióticas reveladoras das dinâmicas de gestão, participação discente e construção do éthos institucional.

Ao longo dos oito meses de trabalho, foi possível consolidar avanços significativos em três frentes principais: (1) o desenvolvimento teórico e empírico da pesquisa, com foco na análise das formas de vida expressas nos muros escolares; (2) a articulação entre pesquisa e formação docente, por meio de ações formativas e participação em eventos acadêmicos; e (3) a atuação ativa no Grupo de Pesquisa em Semiótica (GPS-UNESP), com destaque para a coordenação de atividades, organização de eventos e produção editorial.

Entre os pontos positivos, destaca-se o aprofundamento da análise das inscrições urbanas em escolas públicas de Araraquara, o que permitiu refletir criticamente sobre os “regimes de interação” (Landowski, 2014) e os processos de valorização simbólica no espaço escolar. Araraquara conta com 55 escolas públicas, considerando cada unidade como uma escola, independentemente da etapa de ensino — uma mesma escola que oferece duas etapas de ensino (Fundamental e Médio, por exemplo) é tomada estatisticamente como duas unidades, mas, para nós, apenas uma, em razão de seu espaço físico. Dentre essas, apenas 16 apresentam inscrições urbanas visíveis nos muros externos, o que corresponde a 29% do total. Um dado relevante é que 19 escolas não possuem muros, apenas cercas, o que limita a possibilidade de intervenções gráficas nesse suporte. Entre as escolas que possuem muros, 44% apresentam algum tipo de inscrição urbana, revelando uma particularidade do cenário local: a baixa incidência de manifestações visuais espontâneas ou autorizadas nos espaços escolares.

Esse panorama reforça a pertinência da escolha metodológica da pesquisa, que propôs a leitura dos muros escolares como dispositivos semióticos capazes de expressar o éthos institucional (Fiorin, 2008). A escassez de inscrições visíveis não representa ausência de sentido, mas, sim, um dado significativo sobre os modos de gestão, os regimes de controle e as formas de participação discente. A ausência de marcas poderia indicar uma cultura escolar voltada à normatização dos espaços e à invisibilização das vozes estudantis.

Trabalhar com inscrições urbanas no contexto escolar amplia a leitura do mundo e valoriza práticas culturais periféricas e juvenis. Essas manifestações conectam os(as) estudantes à cidade e ao seu entorno como território vivo, permitindo uma leitura multimodal e crítica da linguagem. Além disso, favorecem o desenvolvimento da autoria, da escuta e da participação democrática, ao transformar o espaço escolar em lugar de expressão e negociação de sentidos.

A cidade, nesse contexto, configura-se como um espaço semiótico (Correa, 2025). As inscrições urbanas atuam como enunciados que exigem leitura em sua materialidade, com atenção ao suporte, ao contexto e aos modos de circulação. Esse enfoque desloca o papel da escola, que deixa de ser apenas reprodutora de conteúdos e passa a assumir uma função ativa na produção de conhecimento, vinculada à sua inserção territorial.

Ao considerar a escola como parte da cidade, torna-se necessário reconhecer que seus espaços — muros, salas, corredores, banheiros — exercem funções comunicativas. As marcas presentes dentro e fora da escola compõem uma imagem institucional, revelam valores, evidenciam tensões e expressam formas de convivência. O éthos escolar, nesse cenário, ultrapassa o discurso oficial e manifesta-se nas práticas cotidianas, nas escolhas de linguagem, nos estilos de gestão e na organização dos ambientes.

A pesquisa busca conduzir a compreensão da escola enquanto texto e propõe uma escuta mais atenta das materialidades que compõem o cotidiano escolar. O Projeto Político-Pedagógico (PPP), os cartazes, os grafites, a disposição dos móveis — tudo comunica. Esses elementos constroem uma identidade discursiva que pode incluir ou excluir, valorizar ou silenciar, dependendo das escolhas feitas por gestores(as), professores(as) e estudantes.

No entanto, o projeto enfrentou desafios importantes, especialmente no que diz respeito à dimensão extensionista e à prática docente. A não renovação da bolsa e o tempo reduzido de vigência inviabilizaram a implementação plena do curso de extensão previsto, que incluiria a produção de um Objeto Digital de Aprendizagem (ODA). Além disso, dificuldades burocráticas relacionadas à certificação de cursos anteriores comprometeram a atratividade de novas ações formativas, sobretudo entre docentes da rede pública, para os quais a certificação é requisito essencial para progressão na carreira.

Outro entrave relevante foi o cancelamento da disciplina de pós-graduação “Práticas semióticas”, previamente aprovada, mas não ofertada por insuficiência de matrículas. Esse episódio evidencia os limites institucionais para a mobilização de estudantes em cursos presenciais, mesmo quando há demanda acadêmica e estrutura disponível. Tais dificuldades revelam a necessidade de repensar estratégias de articulação entre pesquisa, ensino e extensão,

especialmente em contextos marcados por instabilidade administrativa e descontinuidade de políticas públicas.

Apesar dos obstáculos, o projeto alcançou resultados expressivos e abriu caminhos para desdobramentos futuros, tanto no campo da pesquisa quanto na formação de professores(as) e no fortalecimento das redes acadêmicas em torno da semiótica e da educação. A seguir, apresenta-se o relato pormenorizado das atividades executadas ao longo do período de vigência do projeto.

## **Objetivos**

O projeto teve como objetivo geral investigar as inscrições urbanas presentes — ou ausentes — nos muros de escolas públicas de Araraquara (SP), compreendendo-as como práticas semióticas (Fontanille, 2008) que articulam linguagem, suporte e contexto (Correa, 2021), e analisando sua relação com a construção do éthos escolar (Fiorin, 2008) e com os regimes de interação (Landowski, 2014).

A proposta partiu do diagnóstico, apresentado no projeto de pesquisa, de que há uma dissociação entre as diretrizes educacionais que enfatizam a multimodalidade e sua implementação efetiva na escola. A Base Nacional Comum Curricular afirma que: “Na sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada à prática de letramento da imagem, do signo visual” (Brasil, 2018, p. 39).

Apesar dessa orientação, a cadeia institucional de ensino não apresenta sistematização consistente para o trabalho com o plano da expressão. Pontes Jr. (2017, p. 29) observa que, mesmo diante da presença de textos sincréticos no livro didático, “a exploração volta-se essencialmente para os temas, os conteúdos, não havendo a sensibilização para a questão da forma e da expressão”. Nesse cenário, a pesquisa estabeleceu como objetivos específicos:

- Mapear a presença e a tipologia das inscrições urbanas nos muros escolares.
- Analisar o suporte como elemento constitutivo da significação (Correa, 2021).
- Relacionar as configurações observadas aos regimes de interação (Landowski, 2014).
- Compreender a construção do éthos escolar a partir da materialidade espacial (Fiorin, 2008).

- Avaliar o potencial pedagógico das inscrições urbanas para o desenvolvimento da leitura multimodal.

## Material e Métodos

A pesquisa realizou levantamento empírico das inscrições urbanas presentes nos muros externos de escolas públicas do município de Araraquara (SP), tomando como universo 55 instituições consideradas como unidades físicas escolares. Dentre essas, 16 apresentaram inscrições urbanas visíveis no momento do mapeamento, constituindo o corpus da análise qualitativa

O trabalho de campo envolveu observação direta *in loco* e registro fotográfico das escolas que apresentavam inscrições. Para cada instituição com marcas visíveis, procedeu-se à documentação das superfícies inscritas, considerando: localização (fachada frontal, laterais, fundos), tipo de inscrição (grafite, pixação, mural institucional, inscrição espontânea), técnica empregada, uso de cor, organização espacial e relação com o entorno urbano imediato.

Paralelamente ao registro qualitativo das escolas com inscrições, realizou-se levantamento quantitativo do conjunto das 55 escolas públicas de Araraquara, consideradas como unidades físicas, com o objetivo de dimensionar a incidência proporcional das marcas no universo da rede municipal. Desse total, 16 instituições apresentaram inscrições urbanas visíveis em seus muros externos no momento do mapeamento.

Esse número corresponde a 29% das escolas analisadas. No entanto, é necessário qualificar esse dado. Do conjunto das 55 escolas, 19 não possuem muros, mas apenas cercas. A presença de cerca — por sua estrutura vazada e ausência de superfície contínua — limita significativamente a possibilidade material de inscrição urbana.

Considerando apenas as escolas que efetivamente possuem muros como suporte físico para inscrições, o total de instituições com essa característica reduz-se. Dentro desse subconjunto, as 16 escolas com inscrições correspondem a 44% das que dispõem de muro como superfície potencial de inscrição. Desse modo, a proporção varia conforme o critério adotado:

- em relação ao total das 55 escolas, 16 apresentam inscrições;
- em relação apenas às escolas que possuem muros, quase metade apresenta algum tipo de marca inscricional.

A identificação de 19 escolas com cercas integra a análise não como dado secundário, mas como elemento arquitetônico relevante. A materialidade do suporte condiciona a prática da inscrição e interfere nas dinâmicas de visibilidade, acesso e intervenção no espaço escolar.

Nesse sentido, a abordagem teórico-metodológica fundamentou-se na semiótica discursiva (Greimas, 1976; Fiorin, 2008), na teoria das práticas semióticas (Fontanille, 2008) e na investigação do suporte como elemento estruturante do sentido (Correa, 2021).

O suporte foi tratado como nível de pertinência que articula plano da expressão e plano do conteúdo. A análise considerou que a materialidade do muro, sua textura, dimensão, posição no espaço urbano e grau de visibilidade, participa da construção do sentido antes mesmo da leitura verbal da inscrição.

A interpretação das configurações observadas foi realizada à luz dos regimes de interação propostos por Landowski (2014) — programação, manipulação, ajustamento e acidente — entendidos como formas estruturais de organização das relações entre sujeitos e instituições. A presença, a ausência ou o modo de organização das inscrições foram analisados como indícios de determinados modos de interação e, conseqüentemente, de formas de construção do éthos escolar (Fiorin, 2008).

A pesquisa concentrou-se na análise da materialidade discursiva dos muros que apresentam inscrições urbanas, reconhecendo que a incorporação de dados etnográficos, análise de documentos institucionais ou entrevistas ampliaria o escopo interpretativo, mas não integrou os procedimentos adotados neste recorte.

## **Resultados**

O levantamento realizado identificou que, das 55 escolas públicas consideradas como unidades físicas em Araraquara, 16 apresentaram inscrições urbanas visíveis em seus muros externos no momento da observação. Esse número corresponde a 29% do universo analisado. Entretanto, a leitura desse dado exige qualificação: 19 escolas não possuem muros, mas apenas cercas, o que limita materialmente a possibilidade de inscrição. Considerando apenas as instituições que dispõem de muro como suporte físico contínuo, as 16 escolas com inscrições representam 44% desse subconjunto.

Esse resultado evidencia dois aspectos relevantes. O primeiro diz respeito à baixa incidência geral de inscrições no conjunto das escolas. O segundo refere-se ao papel da materialidade arquitetônica como condição de possibilidade da prática inscricional. A

existência de cerca em vez de muro não constitui mera variação estrutural, mas altera o regime de visibilidade e intervenção no espaço escolar.

A análise qualitativa das 16 escolas com inscrições permitiu identificar quatro configurações recorrentes, articuláveis aos regimes de interação propostos por Landowski (2014).

**1. Configuração associável ao regime da programação:** foram identificadas escolas cujos muros apresentam superfície monocromática, ausência de inscrições espontâneas e inexistência de marcas provisórias ou sobrepostas. Nesses casos, o espaço projeta organização previsível, estabilidade normativa e controle visual.

A ausência de inscrição não foi interpretada como ausência de sentido, mas como enunciado espacial. O muro “limpo” comunica disciplina, controle e delimitação clara do espaço institucional. A materialidade homogênea produz efeito de regularidade e previsibilidade, compatível com o regime da programação (Landowski, 2014).

**2. Configuração associável ao regime da manipulação:** em algumas instituições, observaram-se murais realizados por artistas contratados ou por projetos institucionais mediados pela gestão escolar ou municipal. As imagens apresentam acabamento técnico uniforme, temática definida previamente e ausência de intervenções espontâneas posteriores.

Nesses casos, a inscrição existe, mas sua produção é mediada. A expressão visual não emerge da ocupação livre do suporte, mas de decisão institucional. Essa configuração aproxima-se do regime da manipulação, entendido como organização estratégica das interações (Landowski, 2014). A escola controla o que pode ser inscrito e em que condições.

**3. Configuração associável ao regime do acidente:** foram identificados muros com inscrições isoladas, por vezes sobrepostas, sem indícios de planejamento institucional. Pixações pontuais ou grafites não integrados ao conjunto arquitetônico sugerem ocupação não mediada.

Essa configuração aproxima-se do regime do acidente, caracterizado por imprevisibilidade e ausência de coordenação estratégica (Landowski, 2014). No contexto de Araraquara, entretanto, esse regime aparece de forma menos intensa do que em grandes centros urbanos, o que pode relacionar-se ao fluxo reduzido de circulação em áreas predominantemente residenciais.

**4. Configuração associável ao regime do ajustamento:** foram identificadas situações em que inscrições realizadas por estudantes ou vinculadas a projetos pedagógicos ocupam o espaço de forma organizada e articulada ao currículo. Nesses casos, há indícios de negociação entre gestão, professores(as) e estudantes.

Essa configuração aproxima-se do regime do ajustamento, caracterizado por coordenação sensível entre sujeitos (Landowski, 2014). A inscrição não é nem suprimida nem totalmente terceirizada, mas incorporada ao projeto pedagógico.

Portanto, a análise confirmou a hipótese de que o suporte participa da significação. O muro lateral, menos visível ao fluxo principal da cidade, tende a concentrar maior número de inscrições espontâneas. A fachada frontal, mais exposta à circulação pública, apresenta maior controle visual.

A cerca, por sua vez, altera radicalmente a dinâmica de inscrição. Sua estrutura vazada reduz a superfície contínua e aumenta a permeabilidade visual entre interior e exterior. O suporte, portanto, não apenas recebe a inscrição, mas condiciona sua possibilidade e seus efeitos de sentido, corroborando a afirmação de que: “o suporte, portanto, torna-se elemento constitutivo da significação” (Correa, 2021, p. 72).

## **Discussão**

Os resultados obtidos confirmam a hipótese central do projeto de que os muros escolares podem ser analisados como dispositivos semióticos, cuja materialidade participa da construção de sentidos e da projeção de imagens institucionais. A incidência relativamente baixa de inscrições urbanas no conjunto das escolas públicas de Araraquara não indica ausência de significação, mas configura dado interpretável à luz das dinâmicas institucionais e arquitetônicas observadas.

A articulação entre suporte e prática semiótica mostrou-se decisiva para a análise. Conforme sustentado por Correa (2021), “o suporte [...] torna-se elemento constitutivo da significação”. A materialidade do muro, sua posição na fachada, sua visibilidade urbana, sua continuidade ou fragmentação, interfere na produção do enunciado e em seus efeitos de sentido. A cerca, por exemplo, ao reduzir a superfície contínua de inscrição e ampliar a permeabilidade visual entre interior e exterior, modifica o regime de visibilidade do espaço escolar.

Essa constatação dialoga com a teoria das práticas semióticas de Fontanille (2008), para quem o texto não pode ser dissociado das práticas e dos dispositivos que o sustentam. O muro não constitui mero suporte passivo; ele integra a cena enunciativa e participa da articulação entre plano da expressão e plano do conteúdo.

A aplicação dos regimes de interação propostos por Landowski (2014) revelou-se produtiva para interpretar as configurações espaciais observadas. O **regime da programação**

associa-se a muros homogêneos, sem marcas, nos quais prevalece previsibilidade e controle visual. O **regime da manipulação** manifesta-se em murais mediados institucionalmente, nos quais a expressão é autorizada e delimitada pela gestão. O **regime do acidente** aparece em inscrições não mediadas, que escapam à organização institucional. O **regime do ajustamento**, por sua vez, corresponde a situações em que a expressão estudantil é integrada ao projeto pedagógico.

Essas configurações permitem pensar a escola como texto. Fiorin (2008), ao retomar o conceito de éthos, afirma que ele corresponde à imagem discursiva construída por recorrências enunciativas. No caso analisado, os muros funcionam como materialização dessa recorrência. A organização do espaço comunica valores, normas e posicionamentos, mesmo na ausência de enunciados verbais explícitos.

A leitura do éthos escolar a partir das inscrições urbanas não se apresenta como diagnóstico definitivo da gestão institucional, mas como inferência fundada na discursividade. A presença ou ausência de inscrições, sua mediação ou espontaneidade, seu grau de integração ao currículo, produzem efeitos de sentido que podem ser associados a modos distintos de organização das interações.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados reforçam a pertinência do objeto escolhido. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) enfatiza a necessidade de incorporar o letramento visual às práticas de leitura. Entretanto, como apontado no projeto e evidenciado por Pontes Jr. (2017), a multimodalidade permanece pouco sistematizada no planejamento didático. A análise das inscrições urbanas permite operacionalizar o trabalho com o plano da expressão, integrando materialidade, espacialidade e visualidade ao processo de leitura.

Além disso, a discussão sobre as inscrições urbanas implica problematizar a hierarquização estética que atravessa o campo escolar. Bento (2002) demonstra como a branquitude se institui como padrão normativo e universalizante. No contexto das inscrições urbanas, observa-se que determinadas formas de arte urbana são legitimadas quando associadas a circuitos culturais reconhecidos, enquanto outras — especialmente a pixação — permanecem criminalizadas. Essa distinção repercute no espaço escolar, que tende a incorporar expressões legitimadas e a rejeitar manifestações associadas à marginalidade.

A análise realizada indica que o tratamento dado às inscrições urbanas pode funcionar como indicador de como a escola lida com a diferença, com a participação juvenil e com as culturas periféricas. Quando a expressão é totalmente suprimida, projeta-se imagem de controle. Quando é inteiramente terceirizada, produz-se imagem de participação mediada. Quando é integrada ao projeto pedagógico, sinaliza-se possibilidade de diálogo institucional.

Entretanto, a pesquisa também revela limites metodológicos que precisam ser explicitados. A análise concentrou-se na materialidade dos muros e não incorporou investigação etnográfica, entrevistas com gestores(as), docentes ou estudantes, nem exame sistemático dos Projetos Político-Pedagógicos. Tais procedimentos poderiam aprofundar a compreensão das relações entre inscrição, gestão e cultura escolar. A leitura do éthos, portanto, constitui hipótese interpretativa sustentada na análise semiótica do espaço.

Ainda assim, os resultados permitem afirmar que o espaço escolar comunica, mesmo quando não apresenta inscrições. O silêncio visual também produz sentido. A ausência de marcas não corresponde a neutralidade, mas pode expressar determinada concepção de organização institucional. A discussão reforça, portanto, três implicações centrais:

- O suporte deve ser considerado elemento estruturante na análise multimodal.
- As inscrições urbanas constituem objeto pertinente para o desenvolvimento da leitura multimodal na Educação Básica.
- A organização material do espaço escolar participa da construção do éthos institucional.

Ao integrar teoria semiótica (Greimas, 1976; Fiorin, 2008), práticas semióticas (Fontanille, 2008) e regimes de interação (Landowski, 2014), a pesquisa demonstra que a leitura dos muros escolares amplia a compreensão da escola como prática discursiva situada. O espaço não apenas delimita fisicamente a instituição; ele materializa formas de interação e projeta imagens de si.

### **Relato das atividades**

No âmbito do pós-doutorado, foram desenvolvidas atividades acadêmicas e formativas que se mostraram essenciais para o amadurecimento teórico e metodológico da pesquisa. Destacam-se a participação em grupos de pesquisa, especialmente nas discussões sobre práticas semióticas, plano da expressão e regimes de interação; a apresentação de comunicações parciais em eventos científicos, que possibilitaram a confrontação dos resultados preliminares com a comunidade acadêmica; a publicação e submissão de artigos relacionados ao objeto de estudo; bem como a realização de seminários e interlocuções com pesquisadores(as) da área, que contribuíram para o refinamento conceitual das categorias mobilizadas. Essas atividades permitiram aprofundar o diálogo entre teoria e empiria, consolidar o enquadramento

metodológico adotado e ajustar o percurso analítico à luz das discussões contemporâneas sobre multimodalidade, espaço escolar e práticas de linguagem.

### **Atuação no Grupo de Pesquisa em Semiótica (GPS-UNESP)**

Durante o período de novembro de 2024 a julho de 2025, mantive participação ativa no Grupo de Pesquisa em Semiótica da UNESP (GPS-UNESP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Sob a direção dos(as) professores(as) Matheux Nogueira Schwartzmann e Jean Cristtus Portela, o grupo consolidou suas atividades em formato híbrido, com encontros presenciais e virtuais, mantendo a regularidade dos eventos e a articulação entre pesquisa, ensino e formação acadêmica.

Na coordenação do GPS-UNESP, fiquei responsável por três eixos principais: (1) o Leituras do GPS, grupo de estudos dedicado à análise de textos fundamentais da semiótica, com articulação entre teoria e prática; (2) o Seminário de Semiótica da UNESP, em parceria com o professor Carlo Andrea Tassinari (Universidade de Bolonha/pós-doutorando na FCLAr), com curadoria de palestras, mediação de debates e organização da programação; e (3) a comunicação do grupo, com divulgação de eventos, atualização do site institucional e produção de material gráfico.

A partir do primeiro semestre de 2025, consolidamos uma nova equipe dedicada às atividades de comunicação do GPS-UNESP, com o objetivo de ampliar a presença digital do grupo e garantir a regularidade na divulgação de suas ações. A gestão dessas atividades permaneceu sob minha responsabilidade, e a equipe é atualmente composta por Ana Flávia Martins, Maria Alice Fanuele Ribeiro, Ana Flavia dos Santos Martins e Maria Paula Nunes Coneglian. Juntos, temos atuado na produção de materiais gráficos, na atualização do site institucional, na curadoria de conteúdos para as redes sociais e na cobertura dos eventos promovidos pelo grupo para fortalecer a identidade visual do GPS e promover maior engajamento com a comunidade acadêmica.

Essas atividades têm contribuído para a consolidação do GPS-UNESP como um espaço de formação crítica e colaborativa, ao promover o diálogo entre pesquisadores de diferentes níveis e instituições, e fortalecer a presença da semiótica no cenário acadêmico nacional e internacional.

## Publicações e Organização

Atuei, ao longo do pós-doutorado, na organização do livro *Identidade, experiência e discurso: semiótica e crítica da cultura*, publicado pela Pontes Editores em 2025. A obra foi contemplada pelo Edital PROPG 05/2025 – Auxílio às publicações de livros e capítulos de livros dos Programas de Pós-graduação da Unesp e contou com a colaboração dos(as) professores(as) Jean Cristtus Portela, Matheux Nogueira Schwartzmann, Flavia Karla Ribeiro Santos e Carlo Andrea Tassinari.

Além da coorganização, redigi, em coautoria com os demais organizadores, o capítulo de introdução, no qual apresentamos os eixos temáticos da coletânea. O texto discute a centralidade do conceito de identidade para a compreensão das formas de significação e das práticas culturais, destacando sua articulação com os níveis de pertinência da análise semiótica. A introdução também propõe uma abordagem crítica e interseccional, voltada à análise das disputas discursivas contemporâneas em torno de temas como exclusão, pertencimento, ciência, justiça e ecologia, com atenção especial às materialidades urbanas e às identidades em rede.

No mesmo volume, contribuí com o capítulo “Pegando a visão: inscrições urbanas e espaço social na cidade”, em que analiso as inscrições urbanas como práticas semióticas que tensionam o espaço urbano e os regimes de visibilidade. A partir das “práticas semióticas” (Fontanille, 2008), examino como essas manifestações interferem na organização simbólica da cidade e desafiam discursos hegemônicos sobre arte, cidadania e ordem pública. O texto propõe uma leitura crítica das inscrições urbanas como formas de inscrição social e política, articuladas a questões de classe, raça e juventude periférica.

Ainda nesse período, publiquei o artigo “Tempo e repetição na formação dos símbolos” na revista *EntreLetras* (Araguaína), v. 15, número especial, 2024 (ISSN 2179-3948 – online), com o DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19290. O texto investiga o papel da repetição e da temporalidade na constituição dos sistemas simbólicos e propõe uma abordagem diacrônica para compreender a estabilidade e a transformação dos sentidos culturais, com base na semiótica tensiva ([Anexo A](#)).

Também estou participando da organização do dossiê temático [“Semiótica, literatura e objetos-suportes: reflexões teóricas, análises e propostas para a prática docente”](#), da revista *Acta Semiótica et Lingvistica* (UFT), cuja publicação está prevista para o segundo semestre de 2025. A proposta do dossiê é reunir trabalhos que articulem teoria semiótica, literatura e práticas pedagógicas, com foco nos objetos-suportes e suas implicações para o ensino. A organização

foi realizada em colaboração com Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar), Eliane Soares de Lima (UFF), Fernando Martins Fiori (UFSCar/UNIP) e comigo, representando a UNESP.

## **Pareceres**

Durante o período da pesquisa, atuei como parecerista *ad hoc* em periódicos acadêmicos das áreas de Linguística e Semiótica. Mantive minha colaboração com a revista Estudos Semióticos (USP) e com a revista Estudos Linguísticos, vinculada ao Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Em 2024, passei a integrar também o corpo de pareceristas da revista EntreLetras (UFT).

Nessas publicações, avaliei artigos voltados à análise do discurso, à semiótica aplicada, à teoria linguística e ao ensino de linguagem. Essa atuação tem possibilitado o acompanhamento das pesquisas mais recentes no campo e reafirma meu compromisso com a qualidade editorial e com o fortalecimento da produção científica nas áreas em que atuo ([Anexo B](#)).

## **Atividades didáticas**

Em novembro de 2024, ministrei a palestra “Análise de canções – uma leitura multimodal” no VII Congresso Municipal de Educação de São Paulo, promovido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo (SME-SP). A apresentação discutiu o potencial das canções como objetos de leitura sincrética no contexto escolar, articulando linguagem verbal, musical e visual, com foco na formação de professores(as) da rede pública.

Em abril de 2025, participei como conferencista do evento “Conversas Semióticas”, promovido pelo SemiÓLab/UFPB, com a conferência intitulada “A Semiótica na Leitura de Textos Multimodais”. A atividade abordou fundamentos teóricos da semiótica discursiva e suas aplicações na leitura de objetos multimodais, com ênfase na formação docente e na análise de práticas de linguagem contemporâneas.

Em julho de 2025, encontra-se em andamento a ministração do curso de curta duração intitulado “[A linguagem do grafite nos muros da escola](#)”, promovido pela APROFEM (Associação dos Profissionais de Educação do Ensino Municipal de São Paulo). A proposta, voltada à formação continuada de docentes da rede municipal, aborda as inscrições urbanas

como práticas significantes, explorando suas potencialidades no ensino de Língua Portuguesa a partir dos fundamentos da teoria das práticas semióticas.

Concebido a partir das reflexões desenvolvidas no contexto de Araraquara, no âmbito do projeto de pós-doutorado, o curso constitui uma tentativa de transposição teórico-metodológica para o cenário urbano paulistano, cujas especificidades culturais, sociais e educacionais demandam abordagens sensíveis e contextualizadas. Ao articular pesquisa acadêmica e prática pedagógica, a iniciativa busca não apenas ampliar o repertório didático dos participantes, mas também fomentar um olhar crítico sobre as manifestações gráficas que compõem o cotidiano escolar e urbano.

Mais do que uma simples adaptação de conteúdos, trata-se de um exercício de escuta e diálogo com o território, no qual os muros da cidade se tornam textos a serem lidos, interpretados e ressignificados no espaço da sala de aula. ([Anexo C](#)).

### **Curso de Pós-Graduação (não realizado)**

No segundo semestre de 2024, foi proposta a oferta do curso de pós-graduação Práticas semióticas, concebido em parceria com os(as) professores(as) Matheux Nogueira Schwartzmann, Jean Cristtus Portela, Julia Lourenço Costa e Carlo Andrea Tassinari. Embora devidamente estruturado e aprovado, o curso não chegou a ser implementado em virtude da insuficiência de matrículas, não tendo sido atingido o número mínimo de inscrições exigido pela instituição. Tal desfecho evidencia um desafio recorrente no contexto universitário contemporâneo: a dificuldade de mobilização e engajamento dos(as) estudantes em atividades presenciais, especialmente em cursos *stricto sensu*, cuja adesão depende de múltiplos fatores, entre eles a disponibilidade de tempo, a valorização institucional e a percepção de relevância prática.

### **Curso de Extensão e Objeto Digital de Aprendizagem (realizado parcialmente)**

Outro ponto previsto no projeto original dizia respeito à realização de um curso de extensão que culminaria na produção de um Objeto Digital de Aprendizagem (ODA). No entanto, a não renovação do projeto e o tempo reduzido de sua vigência inviabilizaram a execução dessa etapa. Ainda assim, busquei alternativas para manter o compromisso com a extensão universitária, tomando como referência a experiência anterior do curso *Ler o texto para ler o mundo: leitura como prática semiótica*, realizado entre 13 e 28 de setembro de 2023.

A partir dessa experiência, foi possível identificar entraves significativos à efetivação de ações extensionistas voltadas a professores(as) da rede pública e estudantes universitários(as). Um dos principais obstáculos revelou-se no processo de certificação: enquanto os certificados dos ministrantes foram emitidos apenas em abril de 2025 — cerca de um ano e meio após o término do curso —, os(as) participantes enfrentaram ainda mais dificuldades, com atrasos prolongados e falhas sistêmicas que exigiram insistentes contatos com os setores responsáveis, por meio de e-mails e telefonemas. Considerando que a certificação é, para muitos(as) docentes da educação básica, um requisito essencial para a progressão na carreira, e para estudantes de graduação e pós-graduação, um componente obrigatório das atividades complementares, tais entraves comprometem a atratividade e a efetividade das ações de extensão.

Diante das limitações enfrentadas com a certificação institucional e da inviabilidade de execução do curso de extensão originalmente previsto — que incluiria a produção de um Objeto Digital de Aprendizagem —, optou-se por redirecionar os esforços para estratégias mais viáveis e articuladas com os contextos locais. Nesse sentido, estabeleceram-se diálogos diretos com os núcleos pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de Araraquara, com a servidora Amine Quintas Correa, e da Diretoria Estadual de Ensino de Araraquara, Neusa Aparecida Mendes e Rosicler Aparecida Batista de Souza, e com sindicatos da categoria docente, visando à construção de parcerias para a formação continuada de professores(as) e estudantes do ensino superior.

Contudo, a transição administrativa ocorrida no município entre 2024 e 2025 impôs um período de espera até que os interlocutores fossem definidos e os canais institucionais reativados. A partir de março de 2025, as negociações foram iniciadas, resultando na previsão de duas ações formativas: uma palestra voltada aos(as) professores(as) da rede municipal de Araraquara, com foco nos temas da pesquisa, e um curso de curta duração, em formato híbrido, a ser oferecido em parceria com a Diretoria Estadual de Educação. Ambas as iniciativas se encontram em fase de ajustes quanto ao cronograma e à estrutura do projeto, com previsão de realização no segundo semestre de 2025.

Importa destacar que, diferentemente das experiências anteriores, essas ações foram concebidas com certificação imediata aos(as) participantes, o que permitiria, inclusive, a tentativa de inserção retroativa no sistema da UNESP. Ainda que tal inserção não se concretize, a emissão de certificados estaria assegurada tanto para a comunidade interna quanto para o público externo, garantindo a validade das atividades para fins de progressão funcional e cumprimento de exigências curriculares nas universidades.

Apesar dos esforços empreendidos, o encerramento do projeto de pesquisa impôs restrições temporais que inviabilizaram a implementação plena das ações extensionistas planejadas. A única exceção foi o curso oferecido em julho de 2025, em parceria com a APROFEM, cuja logística mais ágil e estrutura consolidada permitiram sua realização, ainda que com adaptações específicas da pesquisa ao contexto da cidade de São Paulo ([Anexo C](#)).

### **Participação em Bancas e Coorientações**

A atuação em bancas examinadoras e coorientações de trabalhos acadêmicos reflete o envolvimento contínuo com a formação de pesquisadores e o fortalecimento da área de Semiótica e Linguística Geral em diferentes instituições públicas de ensino superior ([Anexo D](#)).

#### **Bancas Examinadoras**

RAFAELA APARECIDA DA SILVA — O ator da enunciação Sergio Moro: uma análise semiótica da trajetória de juiz a senador.

Defesa de Dissertação de Mestrado.

Orientadora: Mariana Luz Pessoa de Barros.

Programa de Pós-Graduação em Linguística — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Educação e Ciências Humanas.

Dezembro de 2024.

ERIKA MATHEUS SILVA DOS SANTOS — Uma análise semiótica de representação de mulheridades trans no candomblé.

Exame de Qualificação de Mestrado.

Orientadora: Prof. Dr. Matheux Nogueira Schwartzmann — Departamento de Linguística, UNESP – Campus de Assis.

Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa — UNESP.

Fevereiro de 2025.

LEANDRO LIMA RIBEIRO — Linguagens encruzilhadas: sincretismo e carnavalização.

Exame de Qualificação de Doutorado.

Orientador: Antonio Vicente Pietroforte.

Programa de Pós-Graduação em Linguística — Área: Semiótica e Linguística Geral.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — Universidade de São Paulo.  
Março de 2025.

JOÃO FURIO NOVAES — Das tábuas às telas: uma análise tensiva da técnica da Escrita e de suas transformações históricas.

Defesa de Dissertação de Mestrado.

Orientador: Waldir Beividas.

Membros da banca: T. M. Corrêa, J. F. Pondian, M. A. Rede.

Programa de Pós-Graduação em Linguística — Universidade de São Paulo.

Março de 2025.

YANN KILDERY TORRES DE OLIVEIRA — Design ativismo: a retórica do design gráfico nas capas do jornal Lampião da Esquina (1978–1981).

Exame de Qualificação de Mestrado.

Orientador: Dr. Wellington Gomes de Medeiros (Presidente).

Programa de Pós-Graduação em Design — Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Junho de 2025.

### **Coorientações**

MALIK ASBAHR NASSER DA MATA — A cor das outras vozes: inscrições urbanas, literatura e resistência.

Mestrado.

Orientadora: Mariana Luz Pessoa de Barros.

Programa de Pós-Graduação em Linguística — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Centro de Educação e Ciências Humanas.

JOÃO FURIO NOVAES — Semiótica da escrita: um estudo sobre como as telas afetaram a escrita.

Doutorado.

Orientador: Waldir Beividas.

Programa de Pós-Graduação em Linguística — Universidade de São Paulo.

GIZELIA MENDES SALIBY — A representação feminina no cinema brasileiro.

Doutorado.

Orientador: Antonio Vicente Pietroforte.

Programa de Pós-Graduação em Linguística — Universidade de São Paulo.

### **Coordenação de Simpósios e Organização de Eventos**

A participação ativa na organização de eventos científicos e na coordenação de simpósios tem se configurado como um espaço privilegiado para o fortalecimento de redes acadêmicas e para a consolidação de eixos temáticos que atravessam minha pesquisa. Essas ações não apenas ampliam o alcance institucional das discussões, como também aprofundam o diálogo entre teoria e prática, especialmente no campo da semiótica em interface com a educação.

No [VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos](#) (ABES), realizado entre 1º e 4 de julho de 2025, coordenei dois simpósios temáticos. O primeiro, intitulado Ensinar com semiótica e como ensinar semiótica, foi desenvolvido em parceria com a professora Iara Rosa Farias (UNIFESP) e teve como foco a articulação entre práticas pedagógicas e abordagens semióticas, contribuindo para o aprofundamento da vertente educacional da pesquisa. O segundo, Semiótica da fotografia: práticas e textos fotográficos, organizado com a professora Daniela Nery Bracchi (UFPE), surgiu da necessidade de criar um espaço de discussão para os estudos visuais, em resposta ao crescente interesse de meus orientandos pela análise discursiva de imagens fotográficas.

Ainda no campo da educação, coordenei, ao lado de Bruna Soares Polachini (USP), o GT12 – Multiletramentos e Tecnologias Digitais na Educação Básica, no [2º Congresso Internacional e Multidisciplinar de Educação – Educação e Cidadania na Era da Desinformação](#), realizado entre 10 e 12 de junho de 2025, em formato on-line. A proposta do grupo partiu da constatação de que os multiletramentos — compreendidos como práticas sociais de leitura e produção crítica em diferentes modos e mídias — são fundamentais para o enfrentamento da desinformação digital, sobretudo em um cenário marcado por baixos índices de proficiência leitora (Inaf, 2024) e por práticas escolares historicamente limitadas (Rojo, 2012). O GT buscou discutir como a formação docente pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais alinhadas às realidades escolares, capazes de promover uma cidadania crítica e informada.

No âmbito da articulação interinstitucional, participei da organização do [1º Seminário Interinstitucional de Semiótica](#), realizado em 5 de junho de 2025 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em colaboração com as professoras Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar) e Matheux Nogueira Schwartzmann (UNESP). O evento reuniu pesquisadores(as), de mestrado e doutorado, de diferentes instituições e consolidou a parceria entre o grupo GPS (UNESP) e o PISCar (UFSCar). A semiótica discursiva, como eixo teórico comum, tem possibilitado a construção de um campo de interlocução que favorece a integração entre ensino, pesquisa e extensão. O seminário representou, assim, uma ação concreta de aproximação entre os grupos, com vistas à continuidade e à ampliação das atividades conjuntas ([Anexo E](#)).

### **Apresentações em Eventos**

Durante o período de vigência da pesquisa de pós-doutorado, participei de eventos acadêmicos de relevância nacional e internacional, nos quais compartilhei resultados parciais da pesquisa e colaborei com a formação docente em diferentes contextos. A seguir, destaco três participações ([Anexo F](#)):

#### *VII Congresso Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP)*

Em parceria com a professora Sandra Salvandro Rodrigues, ministrei a oficina *Análise de canções – uma leitura multimodal*, voltada à formação continuada de docentes da rede pública. A proposta partiu da articulação entre linguagem verbal, visual e sonora, tomando a canção como um gênero multimodal. A oficina teve como objetivo proporcionar uma vivência analítica com canções e videoclipes, ampliando o repertório docente para o trabalho com objetos culturais no planejamento pedagógico. Fundamentada na semiótica discursiva, a atividade promoveu uma reflexão crítica sobre os modos de leitura praticados em sala de aula, com ênfase na construção de sentidos que emerge da relação entre texto e suporte.

#### *VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES)*

Apresentei a comunicação intitulada *Nos muros da escola: traços de gestão e vozes pedagógicas*, trazendo alguns resultados de nossa pesquisa que analisou as inscrições urbanas em muros escolares como práticas semióticas reveladoras do éthos institucional. A partir da tipologia das inscrições, do estilo visual e do grau de refinamento plástico, propôs-se a leitura dos muros como indicadores das dinâmicas de gestão e da participação discente. Os resultados

indicam que muros com inscrições espontâneas tendem a refletir maior abertura à intervenção estudantil, enquanto superfícies com intervenções profissionais ou ausência de marcas sinalizam maior controle institucional, compondo um retrato simbólico da cultura escolar.

### *Escola de Estudos Linguísticos do GEL*

Apresentei a comunicação *Formas de vida e hegemonia nos muros escolares: uma análise semiótica das inscrições urbanas em Araraquara*. O trabalho partiu de uma proposta teórica previamente formulada sobre os modos como práticas visuais de jovens periféricos são apropriadas e ressignificadas pela lógica institucional. A análise empírica dos muros das escolas públicas de Araraquara permitiu validar essa estrutura de significação, evidenciando que tais expressões são frequentemente recodificadas como formas “artísticas” legitimadas, porém desvinculadas de seus contextos de origem. Ancorada em Fontanille (2008), Correa (2025), Williams (2019) e nos fundamentos da semiótica visual de Floch (1985), a investigação revelou que, ao privilegiar imagens sancionadas pelo circuito cultural dominante, a escola tende a hierarquizar simbolicamente as expressões estudantis. Os muros escolares, nesse processo, funcionam como dispositivos de poder que naturalizam exclusões e silenciam narrativas dissidentes, afetando diretamente a construção identitária e a circulação de memórias no espaço público educacional.

## **Conclusões**

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto de pós-doutorado — que incluíram a participação em eventos acadêmicos, a atuação em grupos de pesquisa, a organização de publicações, a análise empírica de escolas públicas de Araraquara e a articulação com ações formativas — foram fundamentais para a construção da reflexão teórica apresentada neste relatório. A escuta atenta das práticas escolares, a leitura crítica dos espaços e a interlocução com professores(as), estudantes e pesquisadores(as) permitiram não apenas mapear as inscrições urbanas nos muros escolares, mas também compreender os sentidos que essas marcas projetam sobre a cultura institucional. Foi a partir desse percurso que se tornou possível elaborar uma síntese conceitual sobre os regimes de interação e os éthos escolares, articulando teoria semiótica e realidade educacional.

Os muros escolares, longe de serem apenas barreiras físicas, funcionam como superfícies discursivas que revelam modos de gestão, formas de convivência e imagens

institucionais. A partir dos regimes de interação propostos por Landowski (2014) — programação, ajustamento, acidente e manipulação —, é possível identificar diferentes éthos escolares, cada um associado a uma lógica de relação entre os sujeitos e o espaço.

No regime da programação, os muros “limpos”, sem cartazes, inscrições ou rabiscos, transmitem uma imagem de controle, ordem e previsibilidade. A gestão valoriza a disciplina e a neutralidade visual, e a ausência de marcas torna-se, paradoxalmente, uma forma de dizer algo. Já no regime da manipulação, os grafites realizados por terceiros contratados, ainda que com temas sugeridos pela comunidade, revelam uma participação mediada. A gestão conduz o discurso e produz estrategicamente a imagem da escola, enquanto a expressão estudantil aparece apenas como cenário.

O regime do acidente se manifesta em muros com inscrições sobrepostas, pixações, rabiscos e grafites, misturados. Essas marcas espontâneas, sem curadoria ou organização clara, podem indicar ausência de mediação institucional, tensões internas ou falta de espaços legítimos para a expressão estudantil. Por outro lado, o regime do ajustamento representa um horizonte mais colaborativo: inscrições feitas por estudantes com apoio de educadores(as), temas escolhidos coletivamente e articulados ao currículo, e uma gestão que reconhece e legitima as vozes juvenis.

Inicialmente, o ajustamento pode parecer o éthos mais condizente com uma gestão democrática. No entanto, essa hipótese exige cautela. É necessário investigar mais profundamente a relação da escola com a comunidade, com o Projeto Político-Pedagógico (PPP), com os(as) professores(as) e com os(as) estudantes. Os muros — ou mesmo as cercas — devem refletir as interações sociais, os valores e os desejos daqueles que vivem a escola, o que não implica, necessariamente, a presença de inscrições. Ainda que a experiência com a cultura juvenil aponte para a valorização da expressão plástica, é preciso considerar que o silêncio visual também pode carregar sentidos complexos.

No caso específico de Araraquara, a análise das inscrições e da arquitetura escolar permite aplicar um modelo ideológico inspirado na semiótica greimasiana. Por meio das categorias semânticas de *euforia vs. disforia* e *sociedade vs. indivíduo*, associadas às isotopias estética, política e racional (Greimas, 1976), é possível compreender como os espaços escolares refletem valores culturais da cidade. A isotopia estética articula-se à oposição entre “beleza” e “feiura”; a política, aos valores de “saúde” social e moral; e a racional, à eficácia e à economia dos comportamentos.

Nesse contexto, a grande incidência de cercas em vez de muros em muitas escolas de Araraquara pode ser interpretada como uma escolha racional e política: mais econômicas, mais

transparentes e mais seguras (Jacobs, 2020). A cerca, por sua transparência, aproxima o espaço escolar do espaço público, diluindo fronteiras e sugerindo uma gestão voltada à visibilidade e à vigilância coletiva. Essa configuração contrasta com o modelo das grandes cidades, onde os muros altos e opacos predominam como símbolos de separação, controle e exclusão.

Assim, os muros — ou sua ausência — não apenas delimitam fisicamente a escola, mas também projetam sentidos sobre quem pertence, quem fala e quem é silenciado. Pensar o espaço escolar como texto é reconhecer as múltiplas vozes que o constroem. Promover a escuta dessas vozes, especialmente as periféricas e dissidentes, constitui um compromisso ético, estético e político com a formação integral dos sujeitos e com a construção de uma escola verdadeiramente democrática.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eduardo de Moura; ROJO, Roxane (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARABYAN, Marc; KLOCK-FONTANILLE, Isabelle. *L'écriture entre support et surface*. Paris: L'Harmattan, 2005.

BARBOSA PEREIRA, Alexandre. Visibilidade e escrita de si nos riscos do pixo paulistano. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 77–100, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/5679>. Acesso em: mai. 2025.

BENTO, M. A. S. *O Pacto da Branquitude*. Natal: Estudos de Psicologia, 2002.

CORREA, T. M. Breve história das inscrições urbanas: escolha das origens. In: CORREA, T. M. *Inscrições urbanas: abordagem semiótica*. 2016. 209 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 21–48. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-02122016-134016/pt-br.php>. Acesso em: abr. 2025.

CORREA, T. M. Multimodalidade em práticas avaliativas. In: SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MIQUELETTI, Eliane Aparecida (org.). *Semiótica e ensino: diálogos teóricos e práticos para/com a escola*. Araguaína: Editora Dialética, 2024. p. 159–181.

CORREA, T. M. Pegando a visão: pixação e espaço social na cidade. In: PORTELA, Jean Cristtus; SCHWARTZMANN, Matheux Nogueira; CORREA, Thiago Moreira; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; TASSINARI, Carlo Andrea (org.). *Identidade, experiência e discurso: semiótica e crítica da cultura*. Campinas: Pontes, 2024. p. 290–312.

CORREA, T. M. Tempo e repetição na formação dos símbolos. *EntreLetras (Online)*, Araguaína, v. 15, p. 21–33, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e19290>.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLOCH, Jean-Marie. *Identités visuelles*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

FONTANILLE, Jacques. *Formes de vie*. Liège: Presses universitaires de Liège, 2015.

FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 2008.

GONÇALVES, João Batista Costa. O conceito de *ethos* do enunciador na obra *Em busca do sentido: estudos discursivos*, de J. L. Fiorin. *Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 10, n. 3, set./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457322274>. Acesso em: abr. 2025.

GREIMAS, A. J. *Du sens*. Paris: Seuil, 1976.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA. *Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf 2024*. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: jul. 2025.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

LANDOWSKKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

MOURA, Renata Paula dos Santos; BOTLER, Alice Miriam Happ. Gestão escolar e juventudes: uma relação a partir do grafite. *Revista Administração Educacional*, Recife, v. 11, n. 2, p. 125–141, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ADED/article/view/248276/37721>. Acesso em: abr. 2025.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 2003.

PORTELA, Jean Cristtus. *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana*. 2008. 181 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

PORTELA, Jean Cristtus; DONDERO, Maria Giulia; SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. *Linguagens sincréticas*. Campinas: Pontes Editores, 2023. ISBN: 9786556371542.

ROJO, Roxane (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHWARTZMANN, M. N.; CORREA, T. M. Hegemonia e o risco do engajamento: silêncio e viés na construção de mundos semióticos. *Fórum Linguístico*, v. 20, p. 9390–9400, 2023.

SCHWARTZMANN, M. N. A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1–6, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144288>. Acesso em: abr. 2025.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019.

## **ANEXOS**

## Anexo A



ORGANIZADORES

Jean Cristtus Portela  
Matheux Nogueira Schwartzmann  
Thiago Moreira Correa  
Flavia Karla Ribeiro Santos  
Carlo Andrea Tassinari

# **IDENTIDADE, EXPERIÊNCIA E DISCURSO**

semiótica e crítica da cultura

unesp



gpa  
grupo de pesquisa em  
semiótica da unesp

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.  
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Este livro foi publicado com financiamento do Edital PROPG  
05/2025 - Auxílio às publicações de livros e capítulos de livros  
dos Programas de Pós-graduação da Unesp

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)**

---

P843i Portela, Jean Cristtus (org.) et al.  
Identidade, experiência e discurso: semiótica e crítica da cultura. /  
Organizadores: Jean Cristtus Portela, Matheux Nogueira Schwartzmann,  
Thiago Moreira Correa, Flavia Karla Ribeiro Santos e Carlo Andrea  
Tassinari.  
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2025;  
figs.; quadros; fotografias.

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-85-217-0717-2.

1. Semiótica. 2. Análise de discurso. 3. Linguística.  
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

---

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Semiótica. 401
2. Análise de discurso. 410
3. Linguística. 410

*Copyright* © 2024 – Dos organizadores representantes dos autores  
*Coordenação Editorial*: Pontes Editores  
*Revisão*: Joana Moreira  
*Editoração*: Vinnie Graciano  
*Concepção da capa*: Matheux Nogueira Schwartzmann  
*Capa*: Acessa Design  
Imagem da capa: obra da artista plástica Lygia Clark intitulado “Composição Nº5” nº 00645

**EQUIPE DE REVISÃO:**

Camila Cristina de Oliveira (UNESP)  
Carlo Andrea Tassinari (UNESP/Unibo)  
Flávia Furlan Granato (UNESP)  
Flavia Karla Ribeiro Santos (UNESP/Ibict)  
Gizelia Mendes Saliby (USP)  
Gustavo Henrique Rodrigues de Castro (UNESP)  
Josy Maria Alves de Souza (UNESP)  
Julia Lourenço (UNESP)  
Mônica Barrêto Nóbrega de Lucena (USP)  
Thiago Moreira Correa (UNESP).

**CONSELHO EDITORIAL:**

**Claudio Paolucci**  
(Universidade de Bolonha)  
**Juliana Di Fiori Pondian**  
(Universidade Federal Fluminense)  
**Luiza Helena Oliveira da Silva**  
(Universidade Federal do Tocantins)  
**Maria Giulia Dondero**  
(Universidade de Liège)  
**Mariana Luz Pessoa de Barros**  
(Universidade Federal de São Carlos)  
**Silvia Maria de Sousa**  
(Universidade Federal Fluminense)

**PONTES EDITORES**  
Rua Dr. Miguel Penteado, 1038 – Jd. Chapadão  
Campinas – SP – 13070-118  
Fone 19 3252.6011  
ponteseditores@ponteseditores.com.br  
www.ponteseditores.com.br

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>7</b>
Organizadores	
Primeira Parte – Exclusão e Identidade: Política, Pobreza e Gênero	
<b>Quando la semiótica baja a la calle. Teoría del sentido y compromiso político</b>	<b>30</b>
Verónica ESTAY STANGE (Universidad París Cité)	
<b>Semiótica, formas de vida e pobreza: análise dos processos de significação e estigmatização da população em situação de rua</b>	<b>47</b>
Eduardo Carlos Bianca BITTAR (USP/CNPq)	
<b>Obituários de escritoras: reflexões sobre valor, cultura e identidade da mulher</b>	<b>74</b>
Matheux Nogueira SCHWARTZMANN (UNESP)	
Gustavo Henrique Rodrigues de CASTRO (UNESP/FAPESP)	
<b>Identidade feminina e performatividade de gênero em sociedades patriarcais</b>	<b>96</b>
Gizelia Mendes SALIBY (USP)	
Antonio Vicente Seraphim PIETROFORTE (USP)	
<b>Estratégias discursivas de silenciamento: as redes e a mulher que fala de política</b>	<b>115</b>
Ana Carolina Cortez NORONHA (UNESP)	
Segunda Parte – Identidades em Rede: Tecnologias e Culturas Digitais	
<b>O que pode o(a) semioticista na era da inteligência artificial? — Semiótica, big data e racismo algorítmico</b>	<b>139</b>
Leticia MORAES (UFPB)	

**Práticas de justicamento nas redes sociais** **169**

Flavia Karla Ribeiro SANTOS (UNESP/Ibict)  
Jean Cristtus PORTELA (UNESP/CNPq)

**Entre autopercepción y género clasificado por máquina: archivar  
la identidad en tecnologías de reconocimiento facial** **194**

Cristina VOTO (Universidade de Turim)

Terceira Parte – Ciência, Justiça e Crises Ecológicas: Disputas Discursivas

**Incêndios. Direito de fala, crise ecológica e justiça epistêmica** **222**

Carlo Andrea TASSINARI (UNIBO-UNESP)

**Discurso ecológico em duas cenas genéricas** **240**

Julia LOURENÇO (UNESP)

**A cientificidade: um valor em disputa** **261**

Regina Souza GOMES (UFRJ)

Quarta Parte – Imagens, Espaços e Identidades Urbanas:  
A Narratividade Visual e o Discurso da Rua

**Pegando a visão: pixação e espaço social na cidade** **290**

Thiago Moreira CORREA (UNESP/PROPe)

**Outros modos de fazer imagem: possibilidades da narratividade  
fotográfica no território pós-colonial** **313**

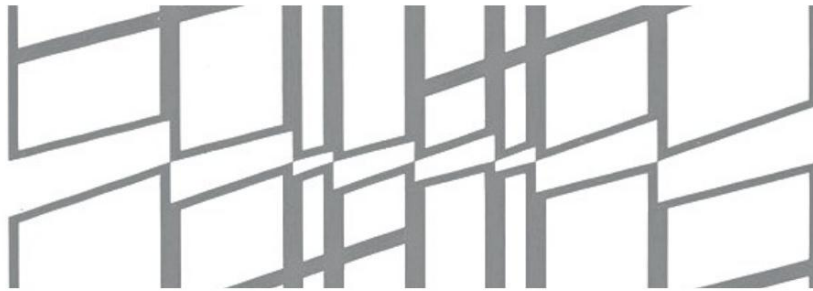
Daniela Nery BRACCHI (UFPE)

**O discurso da rua: uma análise de canções Rap brasileiras  
do início dos anos 2000** **332**

Camila Cristina de Oliveira ALVES (UNESP)

**Sobre as(os) organizadoras(es)** **352**

**Sobre as(os) autoras(es)** **354**



## Introdução

A identidade constitui um conceito fundamental para a circulação e a reprodução da cultura, para o reconhecimento de diferentes níveis de articulação da significação e o tratamento do sentido da enunciação em ato, independentemente do modo como ela se configura, da modalidade de linguagem e dos suportes empregados.

Definimos identidade, adotando a perspectiva de Greimas e Courtés (2008, p. 252), para quem ela pode “designar o princípio de permanência que permite ao indivíduo continuar o ‘mesmo’, ‘persistir no seu ser’ [...], apesar das modificações que provoca ou sofre”, como um objeto-valor dinâmico (ou actante alvo, que pode assumir a posição de fonte ou obstáculo em dado campo posicional) resultante do processo de auto ou heteroidentificação discursiva, que se estabelece por distinção, seleção, combinação e valorização de grandezas semióticas do plano do conteúdo e do plano da expressão.

A identidade, em suas dimensões ética e estética, pressupõe um percurso ideológico no interior de um quadro axiológico. Sobre sua produção e recepção incidem diferentes processos: cifragem tensiva, narrativização (organização actancial, modos de junção e união, modalização), figurativização e tematização, enunciação (breagem, predicação e assunção, perspectivização e ponto de vista) e passionalização (moralização), entre outros.

Cada vez mais, a semiótica do discurso tem buscado, em diálogo com a sociologia, a antropologia, a educação, a filosofia e os estudos

culturais, estabelecer e descrever princípios de organização e regulação das identidades, por meio de operações de amplificação, diminuição e contraste. Isso tem permitido um avanço na direção de fenômenos do contínuo, que não se limitam apenas aos procedimentos de descrição e análise que fundamentam as teorias estruturalistas, criando condições para o tratamento teórico-metodológico de problemas situados na intersecção de diferentes disciplinas. Esse movimento teórico-metodológico há muito iniciado pela semiótica russa ou mesmo pela semiótica americana tem se acelerado, seja entre pesquisadores latino-americanos, entre os quais evidentemente se incluem os brasileiros, seja entre pesquisadores europeus. A virada culturalista ou identitária, se assim podemos dizer, especialmente na América Latina, tem sido muito bem repertoriada e descrita por trabalhos como os de Diana Barros (2012), de Carolina Lemos, Jean Portela e Mariana Barros (2012), e o recente trabalho de Diana Barros, Marcelo Bueno e Celia Vargas (2022).

Os problemas provocados pelo interesse cada vez maior da teoria semiótica pela identidade, pelos corpos e objetos, por sua experiência no mundo natural, pelas práticas sociais e pelos modos de existência das coletividades levaram ainda a reflexões como as de Jean-Marie Floch (1995), de Eric Landowski (1992, 2002), e de Jacques Fontanille (2008), que ampliaram os contornos metodológicos do método estrutural, fruto naturalmente de uma época, estabelecendo um novo paradigma, ao menos do ponto de vista retórico, mais “extrovertido” (Landowski, 2004), mais “aberto” (Boutaud, 2007).

Nessa direção, ao buscar reconhecer os imbricamentos que se dão entre uma dimensão propriamente linguageira, as dimensões sócio-históricas e as condições de produção, a semiótica tem buscado estabelecer procedimentos capazes de descrever como são engendrados as formas do conteúdo e da expressão dos fatos e objetos culturais, levando ao estabelecimento de tipologias que tratam dos níveis de pertinência e da articulação desses fenômenos.

Ainda persiste, no entanto, uma certa tensão teórico-metodológica, que parece obrigar o pesquisador a tomar partido desta ou daquela abordagem, desta ou daquela escola, sem que sejam discutidas, de modo mais declarado, as implicações dessas escolhas. O próprio problema da dimensão ideológica da ciência (e das Ciências Humanas) e do discurso se mantém marginal na semiótica do discurso, isso porque, como nos lembra Jean Cristtus Portela, “em sua fundação e em sua prática de análise, a semiótica se centra na problemática do valor na sua relação com o sujeito, seja como actante da narrativa seja como ator na enunciação”, interessando-se “pela ideologia sem chamá-la pelo nome” (Portela, 2019, p. 138), em uma estratégia que vem evitando a entrada da teoria em um debate social e cultural mais amplo, que, por vezes, tem sido tematizado como polêmico ou demasiadamente engajado.

Vimos reconhecendo as mudanças sociais, culturais e antropológicas que, especialmente no horizonte das Ciências Humanas e Sociais, têm nos lançado a novos desafios que exigem ou “convocam” (Fontanille, 2016, p. 3) novas abordagens e formas de avaliação qualitativa. As ciências da linguagem devem nos fazer repensar seu papel em várias questões, como as práticas educacionais e de produção de cultura, a ética das relações digitais, a segurança pública, o envelhecimento populacional, o desafio alimentar, as mudanças climáticas, a crise de refugiados, a previdência e o bem-estar social, além das mudanças no conceito de família e de afetividade.

Enquanto o século XX trouxe desafios importantes, especialmente relacionados às tecnologias e às práticas de circulação do sentido, o século XXI nos apresenta uma rápida e inédita mudança nos modos de organização da sociedade e nos comportamentos sociais, que passam por uma fragmentação e uma dispersão generalizadas. Uma maior tensão na fronteira entre o “si-mesmo” e “outro” (Ricoeur, 2014) acaba sendo produzida na luta da actância, que nada mais é do que a luta pela vida, evidenciando o modo como os princípios de hierarquização

ção das identidades são estabelecidos em meio aos diversos “sistemas sociais”, como os sistemas econômicos (o capitalismo), a sociedade de classes (a burguesia), a indústria, o comércio, a ciência, a mídia, a literatura e as artes. Nesse contexto, os sentimentos de pertencimento e de comunidade, essenciais ao desenvolvimento da vida humana, são, muitas vezes, transformados em caricaturas e moralizados pelos discursos conservadores, como atesta a triste invenção do chamado não elogiosamente “identitarismo”, do escandalosamente contraditório “racismo reverso” ou das infelizmente jamais implantadas “ditadura gay” e “patrulha feminista”. Tudo se passa como se a identidade do outro, do outro considerado menor, incômodo e minoritário, fosse apenas um caracterizante supérfluo e excessivo, que maculasse a estrutura polêmico-contratual do patriarcado branco, cisgênero e heteronormativo.

Esses processos de moralização vão assumir, frequentemente, a forma da intolerância, do preconceito e do ódio em relação às identidades divergentes, configurando discursos discriminatórios que se desdobram em práticas de violência capazes de afetar a existência física e simbólica dos sujeitos, dos grupos e das coletividades, dos espaços e da natureza, seja nas interações presenciais, seja nas interações digitais mediadas por tecnologias diversas.

Nesse cenário, respeitando a maneira como a semiótica pensa a língua, a linguagem, os textos e o discurso, o seu objetivo, *grosso modo*, seria o de explorar as possibilidades da apreensão da significação, de modo a deixar de abordar o sentido “como o mero encadeamento linear e uniplano das significações” nos textos e nos discursos, para que possa, então, dar conta de conteúdos axiológicos e ideológicos, e ser capaz de fazer com que tais conteúdos ganhem novos contornos, “considerando essa transformação como o próprio objetivo da teoria” (Greimas, 1975, p. 15).

Esse problema, no entanto, do enquadramento do mundo dos valores, de espessura cultural, ainda nos anos 1960, já não era ignora-

do por Greimas. No seu ensaio “Considerações sobre a linguagem”, em *Sobre o Sentido* (1975, p. 33-34), originalmente apresentado no “II Simpósio Internacional de Semiologia”, ocorrido em 1966, na cidade de Kazimierz (Polónia), ele reflete sobre a experiência humana e o problema da articulação das formas no seio de uma cultura. Segundo Greimas (1975, p. 33-34, grifos nossos):

As reticências encontradas nas pesquisas que visam à explicitação dos *modelos ideológicos* têm raízes profundas. Não nos parece que se trate, unicamente, como se admite comumente, de reações da burguesia em defesa dos seus próprios valores. A causa se encontra no conjunto de valores culturais — populares e burgueses — que a sociedade ocidental assume tradicionalmente, e que sob o nome de “*humanismo*” constitui sua “*vivência*” implícita. De forma geral consideramos que a crise do Ocidente reside na existência de *dois humanismos*, um de tradição greco-latina, e outro que procura integrar, numa *antropologia única*, todos os valores humanos, colocando *lado a lado a cultura negra e a branca*. O problema, na medida em que for situado apenas a nível dos *conteúdos* do conhecimento, não nos parece essencial: *é a nível da forma desses conteúdos, da sua articulação implícita, que o problema deve ser recolocado.*

A crise do ocidente mencionada por Greimas, que poderia ser descrita como uma crise humanitária, surge da impossibilidade de regulação entre as distintas experiências da cultura negra e da cultura branca. Ele enfatiza que essa diferença é tão relevante quanto as experiências não hegemônicas relacionadas à classe, ao gênero e à sexualidade. Além disso, em seu entendimento, a definição de humanismo origina-se da vivência intensa da vida e dos valores culturais transmitidos por meio da tradição (cf. Schwartzman; Correa, 2023). Finalmente, do ponto de vista greimasiano, o problema da “branquitu-

de” e da “negritude”, por exemplo, não está, de fato, no nível da substância do conteúdo (de uma certa “essência” cultural), ele está localizado no nível das formas, como processos resultantes da articulação e da coexistência das relações — o que nos faz rever os mecanismos já previstos na concepção de língua, sociedade e cultura saussurianas, segundo a qual a identidade se faz na diferença —, assim como nas práticas significantes concretas, que remoldam continuamente (e são remoldadas por) os sistemas semiolinguísticos (Bertrand 1993; Fontanille, 2007).

Greimas destaca a importância de reconhecer o potencial da semiótica na crítica da cultura. Ao privilegiar sempre a relação entre os termos, a semiótica permite lembrar que as concepções substancialistas das identidades apagam ideologicamente as diferenças e as formas de relação que constituem tais termos, acabando por ocultar conflitos e legitimar sub-repticiamente formas de hegemonia cultural “*per se*”. É o que acontece, por exemplo, quando se afirma a universalidade de um humanismo modelado sobre os valores de uma cultura particular, a branca, cuja identidade se define em oposição, polêmica, com uma cultura marcada como “outra”, a negra; nesse caso, ele se impõe de verdade como “máscaras brancas” sobre “pele preta” (Fanon, 2020).

É por isso que observar como se estabelecem as identidades, como são produzidas, como circulam e são apreendidas na cultura, a partir do exame dos modos de existência e das experiências realizadas em textos e discursos e em práticas sociais diversas (literárias, jornalísticas, publicitárias, científicas, didáticas materializadas em linguagens e suportes distintos), permite que se reconheçam os procedimentos de triagem de formas identitárias responsáveis por validar ou rejeitar determinados valores sociais e culturais, como os estéticos, os de classe, os de gênero e os de raça.

Assim, ao compreender o fenômeno da identidade, seu alcance no âmbito da semiótica do discurso, suas aplicações e seus desdobra-

mentos mais atuais na direção de uma semiótica da experiência, parece ser possível também reconhecer e entender a diversidade de semioses e de planos de imanência que nos desafiam hoje. Isto é, os sistemas de circulação de textos na cultura, organizados sob a forma de práticas de produção do conhecimento, de construção da autoria, da verificação, da verdade e da ética no âmbito de práticas sociais como a do ensino e as científicas, por exemplo, são objetos que hoje convocam e exigem a nossa atenção.

Desse modo, quanto mais o domínio dos objetos semióticos pertinentes à construção identitária aparenta se expandir, mais nos parece necessário considerar a diversidade de semióticas-objetos (cada vez mais complexas!) que se colocam no campo de presença das análises, como esta coletânea busca, de algum modo, demonstrar. Seguindo esse caminho, o presente volume foi dividido em quatro partes, cujos contornos revelam-se pregnantes.

Dedicada à política, com enfoque nos mecanismos semióticos mais clássicos e exemplares da construção do social — os dispositivos que constroem efeitos identitários a partir de dinâmicas de inclusão e exclusão — a primeira parte desta coletânea, intitulada **Exclusão e Identidade: Política, Pobreza e Gênero**, dedica-se especialmente à articulação dos elementos distintivos das categorias de gênero e de classe social. Emergem daí análises dos processos de investimento político e semântico do corpo, que, em parte, desenvolvem a herança dos estudos culturais e do pensamento de Michel Foucault, indicando possíveis direções para uma semiótica do poder.

O capítulo que inaugura essa parte, “Cuando la semiótica baja a la calle. Teoría del sentido y compromiso político”, é assinado por **Veronica Estay Stange**. A autora se propõe a tratar dos conceitos de “cultura”, “identidade” e “representação” como forma não somente de compreender a cultura, mas também de mostrar que a semiótica possui ferramental teórico suficiente para realizar esse estudo.

Conforme se debruça sobre tais conceitos, Estay Stange contribui para o debate sobre as noções de identidade, sujeito e gênero, que, em seu entendimento, são construções do discurso dotadas de significações complexas. Em razão dessa complexidade, a identidade só é coerente na aparência, pois o sujeito está constantemente em conflito e, por conseguinte, em transformação. Além disso, especificamente quanto ao gênero, a presença do que é considerado masculino ou feminino não é fixa, oscila entre os modos de existência e as construções hegemônicas sobre essa dicotomia, motivo pelo qual os gêneros perdem a sua pretensa rigidez. A autora conclui apontando caminhos possíveis para a semiótica se posicionar politicamente ao analisar os discursos e ainda manter o seu compromisso com o princípio da imanência e o rigor metodológico-conceitual que tanto preza.

No capítulo “Semiótica, formas de vida e pobreza: análise dos processos de significação e estigmatização da população em situação de rua”, **Eduardo Carlos Bianca Bittar** verifica como os estudos das formas de vida e dos discursos excludentes e intolerantes podem contribuir para o debate sobre o tema da exclusão social de pessoas em situação de rua. Para tanto, propõe uma análise da aporofobia enquanto desencadeadora de práticas sociais que vão de encontro à promoção do exercício do direito de indivíduos estereotipados pelo sujeito coletivo como “vadios”, “preguiçosos” etc. Além de abordar a ineficiência do Estado, que não investe em políticas públicas efetivas para os cidadãos pobres e extremamente pobres, apesar de os dispositivos jurídicos reconhecerem a existência de todas as pessoas (e dos seus direitos), independentemente da classe social à qual pertencem, o autor ainda mostra como a aporofobia se manifesta no uso do espaço urbano, à medida que o corpo-excluído, ao mesmo tempo, se confunde com o ambiente, torna-se invisível para a sociedade, e se destaca nele, convertendo em privado o espaço público.

No capítulo “Obituários de escritoras: reflexões sobre valor, cultura e identidade da mulher”, **Matheux Nogueira Schwartzmann**

e **Gustavo Henrique Rodrigues de Castro** debruçam-se sobre as identidades de três escritoras brasileiras — Carolina Maria de Jesus, Hilda Hilst e Lygia Fagundes Telles —, construídas em obituários publicados pela *Folha de S. Paulo*. Assumindo os obituários como práticas semióticas de noticiamento de morte, os autores adotam as noções de identidade, objeto-suporte e práticas semióticas, propostas por J. Fontanille, com o objetivo de demonstrar como o jornal, ao produzir narrativas de vida e de morte que irão mediar a despedida entre as autoras e seus públicos, (re)constrói suas identidades. Especificamente, buscam evidenciar que esse gesto de produção de narrativas e identidades alimenta-se de sistemas de valores hegemônicos, associados à figura do cânone literário, à ideia de “literatura marginal” e ao perfil socialmente concebido para a mulher, reforçando, dessa forma, estereótipos de literatura (“alta” ou “baixa”) e de gênero, que entendem ser produtores de preconceitos e desigualdades.

No penúltimo capítulo dessa parte, “Identidade feminina e performatividade de gênero em sociedades patriarcais”, **Gizelia Mendes Saliby** e **Antonio Vicente Seraphim Pietroforte** ocupam-se da forma como os discursos patriarcais, à medida que criam a oposição binária entre masculino e feminino, têm construído a identidade feminina ao longo dos séculos de modo a fazê-la parecer inferior à masculina, exercendo, assim, domínio sobre o corpo da mulher. Simultaneamente, abordam a maneira como a performatividade de gênero pode impactar no rompimento com tais modos de pensar. Para demonstrar esse processo de (des)construção identitária, em que o feminino serve ao masculino, pois é tido como subproduto desse sujeito dominante, realiza-se a análise da HQ *A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, de Liv Strömquist (2018), adotando a perspectiva semiótica sobre a forma como são vistos e/ou tratados os sujeitos femininos que não performam como a sociedade patriarcal espera (com intolerância, violência etc.). Somam-se ainda à análise a contribuição hjelmsleviana ao estudo da linguagem e os estudos

sociológicos sobre performatividade de gênero e violência simbólica, que garantem importantes reflexões no sentido de dar início a uma mudança nos discursos em relação ao papel social dos sujeitos femininos, a começar pela linguagem.

Já no capítulo “Estratégias discursivas de silenciamento: as redes e a mulher que fala de política”, **Ana Carolina Cortez Noronha** analisa um *corpus* constituído de tuítes postados no perfil profissional da *chef* de cozinha e autora de livros de culinária Rita Lobo, na rede social *Twitter*, agora *X*, no período da pandemia de Covid-19, com vistas a identificar estratégias discursivas nas quais se busca fazer com que o outro deixe de discursivizar algo. Denominada por Noronha como silenciamento, essa forma de descontinuar a fala do outro pode ser observada em diferentes cenas predicativas, como ela explica: responder com o silêncio sobre um assunto; responder de forma a interromper imediatamente uma fala; fazer elogios irônicos ou proferir ofensas pessoais. Quanto aos tuítes analisados, correspondem a respostas a postagens que, na superfície do discurso, tratam de culinária, mas, em camadas mais profundas, fazem comentários irônicos sobre a cena política vigente. Utilizando elementos da semiótica do discurso, como o conceito de práxis enunciativa, a autora procura comprovar como as estratégias de silenciamento e de interdição do diálogo identificadas no ambiente virtual podem ser reveladoras de uma sociedade autoritária.

Passando à segunda parte desta coletânea, **Identidades em Rede: Tecnologias e Culturas Digitais**, um tema aqui considerado central são as interações nas redes sociais, na medida em que uma das próteses mais importantes à construção do *si-mesmo* (Ricoeur, 2014) é representada pela tecnologia e, em particular, pela proliferação digital da identidade nas redes. Podemos destacar dois elementos complementares dessas “tecnologias do *si-mesmo*”. Por um lado, é cada vez mais comum associar aos parâmetros que identificam os segmentos demográficos, como idade, gênero, profissão, também o tipo de plataforma e as prá-

ticas digitais mais populares entre os utilizadores, construindo conteúdos com base nos usuários, modelos para os quais as plataformas e os algoritmos foram desenhados. Por outro, plataformas e algoritmos estão sendo, cada vez mais, vistos como editores e curadores de conteúdos, capazes de construir e dar forma aos seus públicos. Da mesma maneira, ao frequentar *sites* e plataformas, os usuários influenciam os algoritmos de reconhecimento e recomendação. Nesse sentido, a identidade é inseparável desse duplo processo de perfilação, tendo o digital como uma das infraestruturas mais importantes para moldar as substâncias da expressão e do conteúdo das nossas semiosferas, e, portanto, das nossas identidades — atingindo até suas articulações formais mais profundas.

Esse debate está no cerne do estudo empreendido por **Leticia Moraes**. No capítulo “O que pode a(o) semioticista na era da inteligência artificial? — Semiótica, *big data* e racismo algorítmico”, com o objetivo de refletir sobre os efeitos do uso da inteligência artificial (IA) na sociedade, entre eles, o racismo algorítmico, a autora examina a noção de *big data* segundo a perspectiva da semiótica do discurso. Ela levanta questões sobre o uso das tecnologias de IA — como adverte, ainda carece de regulamentação — e sobre a manutenção de valores eurocêntricos nos algoritmos que perpetuam a discriminação e a exclusão social de pessoas negras tanto no espaço físico como virtual de circulação de discursos, reforçando o racismo estrutural. Para comprovar essa hipótese, Moraes analisa resultados de buscas, empreendidas no acervo virtual pago *Shutterstock*, por objetos visuais digitais sobre uma profissão valorizada. Para finalizar, coloca em discussão o papel do semioticista e a necessidade de o analista se posicionar diante da valoração subjacente ao uso de termos neutros e não marcados — o semioticista deve assumir-se não neutro —, que, muitas vezes, exclui “identidades e grupos minorizados”.

Interessados nas interações em redes sociais, **Flavia Karla Ribeiro Santos** e **Jean Cristtus Portela**, no capítulo “Práticas de justicamento

nas redes sociais”, ponderam sobre a diferença entre justiça e justiça-mento, enquanto práticas que englobam cenas predicativas nas quais são aplicadas sanções negativas a sujeitos que não agiram como a sociedade ou um grupo social esperava. Conforme se empenham em identificar as características prototípicas do justiça-mento e de suas práticas — o cancelamento e o linchamento virtual —, os autores analisam comentários publicados em redes sociais que visam punir sujeitos que ali manifestaram discursos etaristas e racistas, aliando, em sua metodologia, elementos da semiótica das práticas e da semiótica das paixões — mais especificamente cólera, vingança e vergonha —, a conceitos amplamente debatidos em outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, como violência simbólica, ignorância, espetacularização dos corpos supliciados, entre outros. No fim, procuram revelar se (e como) essa disputa de identidades influencia a permanência do sujeito sancionado na virtualidade das interações digitais.

Seguindo o movimento que implica tecnologias e identidades, no capítulo “Entre autopercepción y género clasificado por máquina: archivar la identidad en tecnologías de reconocimiento facial”, **Cristina Voto**, com o objetivo de compreender a forma como são construídos os modelos de gênero, levando em consideração as progressivas interações entre sujeitos e entidades não humanas, propõe correlacionar o gênero percebido pelo sujeito com o gênero identificado e classificado pelas tecnologias de reconhecimento facial. De acordo com a autora, nem todas as identidades de gênero podem ser captadas e, conseqüentemente, certificadas pelas tecnologias automatizadas. Diante disso, em busca de encontrar um caminho para diminuir a diferença entre as identidades de gênero a serem reconhecidas e as efetivamente identificadas pelas tecnologias, Voto explica que a identidade não é estática, ela é fruto das conexões estabelecidas dentro de um sistema; ao mesmo tempo, a identidade de gênero se constitui em uma força capaz de modelar e influenciar as tecnologias e vice-versa, de modo a evitar más classificações de gêneros ou, ainda, a perpe-

tuação de estereótipos. Assim, arquivos de imagens e de dados faciais ganham notória importância, pois podem contribuir para o desenvolvimento de tecnologias mais inclusivas.

Um dos aspectos críticos da noção de identidade, do problema eminentemente político do pertencimento a uma comunidade que permite aos grupos semióticos definir quem são, quem os compõe e quem fala em seu nome, vem dos desafios ecológicos que a hipótese do Antropoceno permite reunir hoje sob uma nova perspectiva. O Antropoceno, como o nome sugere, designa uma nova era da Terra. Colocado na mesma escala que o Pleistoceno e o Holoceno, o Antropoceno sucederia este último, trazendo uma nova abordagem à análise estratigráfica: a evolução geológica da Terra não dependeria apenas do trabalho silencioso da natureza, visto que a força mais importante a determinar a composição estratigráfica das camadas mais recentes da crosta terrestre seriam os seres humanos.

Ao abordar as crises ecológicas sob a ótica do Antropoceno, percebe-se que essa questão não diz respeito apenas a uma transformação ambiental, mas a uma reconfiguração dos próprios alicerces de nossas identidades coletivas e individuais, rearticulando a relação entre formas da expressão e formas do conteúdo dos “modos de identificação” subjacentes à ontologia ocidental, ou “naturalista”. A expressão é do antropólogo Philippe Descola (2023) e já é bem conhecida, embora não raramente criticada por autores da “virada ontológica” na antropologia (Latour, 1994; 2004; Viveiros de Castro, 2018; Ingold, 2022a; 2022b) e na sociologia e filosofia das ciências (Stengers, 1996-1997; Latour; Woolgar, 1997; Haraway, 2023). A ideia central é que nosso universo semântico seria organizado em duas classes mutuamente exclusivas: a da “Natureza”, povoada por fatos não-humanos, objetivos, indiscutíveis; e a das “Culturas e Sociedades”, povoada por valores humanos, subjetivos, sujeitos a disputas intermináveis.

Agora, não apenas a semiótica do mundo natural parece desarticular-se em uma semiótica geossocial, na qual até a forma das rochas

nos remete à imagem da empreitada moderna, como essa desarticulação se traduz, por pressuposição recíproca, em construção semiótica do coletivo humano. E isso pelo menos em dois níveis. Primeiro, a expressão genérica “humanidade” não corresponde, de maneira alguma, à identidade, bem mais específica e diferenciada daqueles que imprimiram sua marca no planeta, tornando-o cada vez menos habitável; e, em segundo lugar, e mais profundamente, a composição desses povos geossociais diferenciados, que é o oposto da afirmação universalista do termo “humanidade”, não questiona apenas a inclusão/exclusão de atores humanos, mas também a socialização de atores “não-humanos”.

É justamente a partir dessa “reinternalização” destes últimos, normalmente remetidos ao mundo exterior da “Natureza”, que se reconhecem as práticas e os discursos da ecologia analisados na terceira parte desta coletânea, **Ciência, Justiça e Crises Ecológicas: Disputas Discursivas**. Mobilizando todos os recursos semióticos disponíveis — da publicidade à informação, à ciência, à política até a ficção —, as práticas e os discursos ecológicos encontram um lugar para os não-humanos no espaço da semiosfera ao questionarem as identidades individuais e coletivas que dependem das escolhas de cada um em relação à dieta, à energia e aos hábitos, reinserindo na reflexão ética e política os fluxos de materiais que o olhar naturalista havia excluído, por definição, do espaço social, dessemantizando-os. Afinal, a insuficiência das relações de produção, para esgotar o sentido dos coletivos, já havia sido amplamente problematizada pelo movimento de politização dos corpos, pois ele questionava a construção semiótica de gênero, sexo e raça; um gesto que a ecologia prolonga ao estender o domínio do interseccional.

Assim, inaugurando essa parte da coletânea, **Carlo Andrea Tassinari**, no capítulo “Incêndios. Direito de fala, crise ecológica, justiça epistêmica”, adota uma perspectiva tanto semiótica como antropológica, e linguística, para analisar a cobertura midiática dos incên-

dios ocorridos no interior do estado de São Paulo no período de agosto a setembro de 2024, visando, sobretudo, demonstrar como grupos aos quais é conferida a competência de falar sobre o meio ambiente em mídias como o *G1*, a *Folha de S. Paulo* e o *A Cidade On* expressam discursos conflitantes ao se manifestarem sobre crises e conflitos ambientais. À medida que apresenta uma tipologia desses enunciadores, o autor tece uma reflexão sobre os significados subjacentes aos discursos que tentam explicar eventos climáticos críticos e/ou devastadores, como o que assolou o território brasileiro no quente e seco inverno do presente ano.

Dando continuidade aos estudos voltados ao discurso sobre questões ambientais, no capítulo “Discurso ecológico em duas cenas genéricas: uma análise semiótica”, **Julia Lourenço** coloca em pauta a relação entre o ser humano e o meio ambiente, mais especificamente, a fim de identificar como se constroem os efeitos de sentido em torno do tema da “sustentabilidade” nos discursos publicitário e jornalístico, bem como de que modo as pessoas interagem com a natureza (se identificam com e agem sobre ela). Em vista disso, a autora analisa cenas presentes em propagandas e reportagens sobre a Companhia Vale do Rio Doce. As primeiras são anteriores ao desastre ambiental provocado pelo rompimento da barragem da cidade de Mariana, em 2015; as segundas são contemporâneas ou posteriores a esse evento. A partir do aparato metodológico da semiótica tensiva, as análises aproximam a experiência sensível resultante da valorização e/ou desvalorização da vida e da morte nos textos examinados, à medida que produzem tanto efeitos de sentido positivos, relacionados ao desenvolvimento sustentável, como efeitos de sentido negativos, que remetem ao desenvolvimento predatório.

**Regina Souza Gomes**, por sua vez, no capítulo “A Cientificidade: um valor em disputa”, traz à luz discursos de pessoas leigas, porém formadoras de opinião e/ou em posição de autoridade, que reagem à ciência opondo-se a ela ou questionando-a, bem como discursos

de pesquisadores e cientistas que defendem e reafirmam o estatuto do fazer científico, conforme analisa textos oficiais, de divulgação científica e de jornais especializados em pesquisa, veiculados em mídias de grande circulação. A autora coloca em destaque, em suas análises, o conceito semiótico de valor e adota uma perspectiva tensiva para demonstrar como discursos nos quais a opinião prevalece sobre a ciência ou, ao contrário, a ciência impera sobre a opinião, revelam ideologias, isto é, universos de valores que atribuem maior ou menor (às vezes nulo) valor à ciência e à cientificidade.

Sem perder de vista os desafios que a atual relação entre política, meio ambiente e ciência impõe ao analista, por outro lado, é importante destacar que, desde o início da empreitada greimasiana, a semiótica se beneficiou, do ponto de vista teórico e metodológico, do interesse por objetos menos frequentados pelas Ciências Humanas e Sociais. Com sua capacidade de reconstruir os cursos de ação, além da identidade dos atores, garantida pelo conceito de actancialidade, sobre o qual repousa a hipótese da narratividade, e por seu modelo de circulação dos valores, a semiótica sempre soube perceber a função performativa e narrativa do espaço, que, de outra forma, seria considerado, como o planeta antes do Antropoceno, um simples recipiente das ações humanas (Greimas, 1981; Hammad, 1983; 2013; Floch, 1987, 1990).

É a esse campo da pesquisa semiótica que é dedicada a quarta e última parte desta coletânea, intitulada **Imagens, Espaços e Identidades Urbanas: A Narratividade Visual e o Discurso da Rua**. Em razão de ser um campo de pesquisa nascido na semiótica dos anos de 1970, não deve nos distrair do fato de que se situa em perfeita continuidade com os mais recentes alargamentos dos estudos sobre identidade, a que já nos referimos. O movimento intelectual que o constitui, com efeito, é sempre o mesmo: é aquele de revelar a força performativa do que é considerado tão familiar no andar de si, a ponto de se acreditar ser desprovido de sentido.

Sem perder de vista esse pensamento, no capítulo “Pegando a visão: pixação e espaço social na cidade”, **Thiago Moreira Correa** faz uma reflexão sobre a prática da pixação no espaço urbano da cidade de São Paulo e sobre a forma como sua tipografia possibilita reconhecer uma identidade coletiva marginalizada que ocupa a cidade tanto do ponto de vista social como espacial. Ao longo do capítulo, o leitor é convidado a conhecer não somente as características do pixo, como também os elementos plásticos convocados pelo enunciador para enunciar identidades individuais ou coletivas. O autor mostra como a oposição subjetividade vs. objetividade se entretetece à oposição individual vs. coletivo para revelar três isotopias — a estética, a política e a racional — que marcam e estruturam a relação entre a cidade e a pixação.

No capítulo seguinte, “Outros modos de fazer imagem: possibilidades da narratividade fotográfica no território pós-colonial”, de **Daniela Nery Bracchi**, são investigadas as mudanças culturais e do modo como são construídas as identidades dos sujeitos fotografados em imagens fotográficas produzidas em Mali, no Quênia e na Índia, após esses países deixarem de ser colônias de países europeus. O estudo é realizado com base na semiótica da fotografia, proposta metodológica desenvolvida por Maria Giulia Dondero a partir da contribuição de J. Fontanille para a análise segundo os níveis de pertinência. Desse modo, a autora lança um olhar antropológico sobre fotografias que retratam os costumes pós-coloniais em culturas muito diferentes, mas que têm gravadas, em seu passado colonial, técnicas fotográficas semelhantes, reminiscências de seus colonizadores. Ao mesmo tempo, lança seu olhar sobre o fazer do fotógrafo, com destaque para as técnicas inerentes à prática fotográfica pós-colonial, conforme examina os objetos que classifica como “retratos de estúdio” e mostra a diferença entre a construção visual do europeu e a dos ex-colonizados.

Encerrando a coletânea, o capítulo “O Discurso da Rua: uma análise de canções Rap brasileiras do início dos anos 2000”, de **Camila**

**Cristina de Oliveira Alves**, traz um *corpus* composto de três canções do gênero musical *Rap*, analisado à luz da semiótica da canção, de Luiz Tatit. Defendendo a hipótese de que a identidade dos jovens das periferias brasileiras é influenciada pela música, a autora busca, no exame do *corpus*, desvelar quais efeitos de sentido são produzidos no processo de persuasão do enunciatário-ouvinte, bem como as transformações sofridas pelo próprio gênero musical na delimitação temporal da pesquisa.

Como é possível observar, não é por acaso que os artigos da última parte se interessam especialmente pelo espaço urbano e pelo papel que a visualidade desempenha ao contribuir para sua significação: trata-se do ambiente semiótico majoritário de uma população mundial agora concentrada nas cidades, que, por sua vez, dispõem, para essa gigantesca porção de sujeitos semióticos, dos principais recursos com os quais constroem sua identidade.

Considerando os textos desta coletânea, assim como os objetos que estão no centro das análises realizadas e dos diálogos que elas estabelecem com outros campos das Ciências Humanas e Sociais, torna-se inevitável — e saudável — construir relações com outros pontos de vista teórico-metodológicos, reconhecer formas de vida distintas das hegemônicas e fazer o circuito científico girar na periferia ou Sul globais, em constante processo de mistura.

Nesse processo, com diversos e complexos destinadores (a Ciência, a Sociedade, o Grupo, o Desejo), pesquisadoras e pesquisadores — com sorte, os novos sucedâneos de intelectuais — assumem posições, negam, recortam, ignoram e selecionam — triam — mundos semióticos. Entre método, metalinguagem e propósito de vida (ou de sobrevivência, para sermos mais exatos), há um sujeito epistêmico que se elabora em ato nessa fricção, sob a forma de um quiasma: o analista sempre se fundiria com seu objeto, restando saber apenas de que objeto se trata.

Roland Barthes, poeta, profeta e *outsider* da Teoria (os epítetos seriam do seu agrado), em *Crítica e verdade* já afirmava: “cada vez que os homens falam do mundo, entram no cerne da relação de exclusão, mesmo quando falam para denunciá-la: a metalinguagem é sempre terrorista”. Para Barthes (1970),

[...] essa é uma dialética infinita, que só poderia parecer sofisticada aos espíritos munidos de uma razão substancial como uma natureza ou um direito; os outros a viverão dramaticamente, ou generosamente, ou estoicamente; de qualquer maneira, eles conhecem bem essa vertigem do discurso.

Eis o nosso desafio: apurar a visada analítica, minorar a vertigem, ver sob os véus do objeto e da teoria, cuidando para que o desejo de dizer e de ser não nos afaste dos objetos de análise, do mundo e da sua significação.

Araraquara-Assis-Franca-São Paulo, novembro de 2024.

Jean Cristtus Portela, Matheux Nogueira Schwartzmann,  
Thiago Moreira Correa, Flavia Karla Ribeiro Santos e  
Carlo Andrea Tassinari

#### Referências

BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, 2012.

BARROS, D. L. P. de; BUENO, A. M.; VARGAS, C. R. Semiótica na América Latina: estudo da sociedade e da cultura. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2022.

BARTHES, R. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

- BERTRAND, D. L'impersonnel de l'énonciation. *Praxis énonciative: conversion, convocation, usage*. *Protée*, v. 21, n. 1, p. 25-32, 1993.
- BOUTAUD, J.-J. *Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques en communication*. Paris: Hermès, 2007.
- DESCOLA, P. *Para além de natureza e cultura*. Rio de Janeiro: Eduff, 2023.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FLOCH, J.-M. La génération d'un espace commercial. *Actes sémiotiques-documents*, n. 87, 1987. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6137>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- FLOCH, J.-M. *Sémiotique, marketing, communication*. Sous les signes, les stratégies. Paris: PUF, 1990.
- FLOCH, J.-M. *Identités visuelles*. Paris: PUF, 1995.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- FONTANILLE, J. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2, p. 1-9, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.127608>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, A. J. Considerações sobre a linguagem. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar. In: GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 18-5.
- GREIMAS, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- HAMMAD, M. L'espace comme sémiotique syncrétique. *Actes sémiotiques-Bulletins*, n. 27 (Sémiotiques syncrétiques, activités du G.R.S.L 1983-1984), 1983.

HAMMAD, M. La sémiotisation de l'espace Esquisse d'une manière de faire. *Actes Sémiotiques*, n. 116, 2013. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2807>. Acesso em: 29 nov. 2024.

HARAWAY, D. *Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno*. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

INGOLD, T. *Fazer*. Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022a.

INGOLD, T. *Linhas*. Uma breve história. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022b.

LANDOWSKI, É. *A sociedade refletida*. Trad. Eduardo Brandão. Campinas: Pontes Editores, 1992.

LANDOWSKI, É. *Presenças do outro*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, É. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 1994.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A vida de laboratório*. A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, B. *Políticas da natureza*. Como fazer ciência na democracia. Bauru: Edusc, 2004.

LE MOS, C. L.; PORTELA, J. C.; BARROS, M. L. P. de. Le soin de la formation: l'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. *Signata – Annales des Sémiotiques/Annals of Semiotics*, v. 3, n. 1, p. 47-89, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/signata/806>. Acesso em: 4 abr. 2019.

PORTELA, J. C. Semiótica e ideologia. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 132-142, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

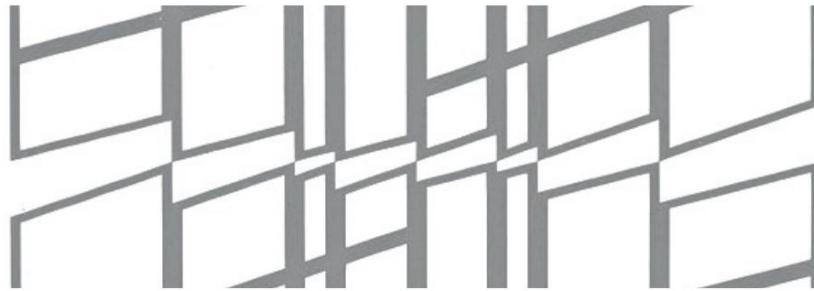
RICCEUR, P. *O si-mesmo como outro*. Trad. I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IDENTIDADE, EXPERIÊNCIA E DISCURSO: SEMIÓTICA E CRÍTICA DA CULTURA

SCHWARTZMANN, M. N.; CORREA, T. M. Hegemonia e o risco do engajamento: silêncio e viés na construção de mundos semióticos. *Fórum Linguístico* (UFSC. Impresso), v. 20, p. 9390-9400, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/93257>. Acesso em: 28 nov. 2024.

STENGERS, I. *Cosmopolitiques I, II*. Paris: La Découverte, 1996-1997.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2018.



## **Pegando a visão: pixação e espaço social na cidade**

Thiago Moreira CORREA (UNESP/PROPe)

### **Introdução**

A prática da pixação se insere em um contexto urbano marcado por desigualdades espaciais e sociais, refletindo as tensões e dinâmicas que estruturam as cidades a partir da segunda metade do século XX. Para compreendê-la, é necessário abordar a relação entre o espaço público e o sistema hegemônico que organiza os centros urbanos. Nesse cenário, a pixação ressignifica a estética da cidade, criando um código visual próprio, carregado de identidade e contestação.

Sob a perspectiva das isotopias semânticas propostas por Greimas (1976) — estética, política e racional — a pixação se apresenta como uma prática que transforma o espaço urbano ao mesmo tempo que reflete a disforia imposta a zonas periféricas e o enfrentamento ao discurso eufórico associado aos centros urbanos.

Para refletir sobre a prática da pixação, é necessário considerá-la a partir de uma sociedade urbana industrializada, inserida em metrópoles e megalópoles, imersa nos meios de comunicação de massa, com meios de transporte ágeis etc. Esses fatores reunidos criam um efeito de aceleração social — em que o percurso histórico de pro-

dução do *spray* sintetiza de forma pertinente o contexto das inscrições urbanas no qual a pixação está.

Desse modo, a São Paulo dos anos de 1970 e 1980, berço da pixação, viu no seu crescimento populacional desordenado uma formação habitacional particular nas zonas periféricas da cidade. Essa separação espacial entre zona central e periferia, na qual o centro demandava serviços aos trabalhadores residentes na periferia, produziria um deslocamento social diário.

Em balanços recentes, autores como Cymbalista (2006), Frúgoli Jr. (2005), Marques e Bichir (2001), Torres e Oliveira (2001) assinalam que trabalhos acadêmicos produzidos nas décadas de 1970 e 1980, embora tenham divergido quanto à descrição dos processos que resultaram no padrão socioespacial paulista, apresentaram certo consenso com relação à homogeneidade de condições geográficas e de vida, tanto nas regiões centrais quanto nas periféricas. Em geral, o pressuposto que orientava a produção dessa época era a dicotomia centro-periferia que fixava, de um lado, os ricos e bem-servidos dos equipamentos públicos e condições de vida nas regiões centrais; e de outro, os trabalhadores com baixos salários e sem acesso à boa infraestrutura nas áreas periféricas (Nascimento, 2010, p. 112).

A oposição periferia vs. centro sustentada pelos discursos sociais, que identificavam a baixa renda salarial da zona periférica, com seus problemas de acesso à infraestrutura urbana, e a alta renda salarial da zona mais centralizada, com sua sólida infraestrutura sociocultural, fornece uma leitura a respeito da configuração visual do espaço urbano, onde a periferia, em seu conjunto, seria regida por uma horizontalidade e a área central, por uma verticalidade, em função mesmo de seus

processos constitutivos. Observa-se um estilo de “acabamento”<sup>1</sup> das moradias em cada região, sobretudo no que se refere à parte exterior: um inacabamento nas construções das casas na periferia que não ocorria no centro. Entenda-se esse inacabamento como um processo cujo alvo seria o valor “acabamento” das construções da região central.

Mesmo com uma pulverização dessa oposição atualmente, em que bairros de alta renda ocupam zonas periféricas da cidade, ao passo que há núcleos mais pobres instalados na região central; “da ponte pra cá” (Racionais MC’s, 2002) não é difícil ver, ainda hoje, sobrados com materiais de construção à mostra nos quintais (devidamente guardados com lonas e sacos) e estruturas a serem concluídas: colunas de ferro expostas para a laje que vai ser “batida”, um cômodo sem portas e janelas com a promessa de finalização da obra etc. “Milhares de casas amontoadas” (Racionais MC’s, 1993) na linha do horizonte, sem acabamento, dividindo, vez ou outra, o espaço com casas reformadas, foi e, de certo modo, ainda é um cenário das ruas de uma periferia paulistana. Da ponte pra lá, sem restrições orçamentárias, a região central, lugar de empresas, órgãos públicos, parques etc., verticaliza-se na alta renda, produzindo espaços compactos e disputados em função de interesses imobiliários.

Ao refletir sobre a dinâmica da cidade, Greimas, em seu texto “Pour une sémiotique topologique” (Greimas, 1976, p. 129), nos diz que o plano do conteúdo do espaço urbano traz uma coerção cultural que, pela impossibilidade de se apreender a totalidade dos objetos topológicos, exige, do analista, investimento em uma semiótica particular, como uma semiótica urbana, permitindo alcançar valores

<sup>1</sup> Conforme o *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2014), no verbete acabamento, “1.2 tratamento final ou revestimento de uma superfície (p. ex., tela de pintura, parede etc.)”, entendemos “acabamento” como o processo final de construção que preserva e valoriza esteticamente a obra por meio de revestimento e pintura. A estereotipada imagem das moradias com tijolos à mostra das áreas periféricas traria essa ideia de inacabamento em razão do valor hegemônico de moradias com acabamento. Esse discurso arquitetônico é tão intenso, que a construção das casas é conduzida rumo a esse valor hegemônico que, se desconsiderado, talvez poderia produzir outras formas de organização dessas edificações em relação ao seu espaço periférico.

gerais proxêmicos. Ao partir das coerções ideológicas que estruturam o espaço, depreende-se da proposta metodológica de Greimas uma leitura das inscrições urbanas pela ótica da cidade. Por meio das categorias semânticas *euforia vs. disforia* e *sociedade vs. indivíduo*, associadas às isotopias *estética, política e racional*, é possível formar um modelo ideológico da cidade aplicável à compreensão das inscrições. Seguindo esse ponto de vista, a isotopia estética relaciona-se à “beleza” e à “feitura”; a política incorpora valores de “saúde” social e moral; e a isotopia racional aborda a eficácia de funcionamento e a economia dos comportamentos (Greimas, 1976, p. 137-140).

A *isotopia estética* está ligada ao valor visual e à beleza da cidade, abrangendo os elementos que a tornam bela ou feia aos olhos de seus habitantes e visitantes. Esse aspecto impacta diretamente a percepção emocional dos cidadãos e promove uma experiência positiva ou negativa conforme seus aspectos visuais são apreciados ou rejeitados. A cidade é concebida como um objeto estético, contribuindo para o bem-estar visual e emocional dos cidadãos e fortalecendo ou enfraquecendo a experiência de se viver no espaço urbano.

Já a *isotopia política* relaciona-se ao “bem social” e vê a cidade como um espaço de “saúde” social e moral, onde se estabelecem normas, hierarquias e valores que regulam a convivência e a harmonia na vida urbana. A política, aqui, é entendida como a estrutura que mantém o equilíbrio entre interesses coletivos e individuais, abrangendo questões como justiça, segurança e qualidade de vida. Essa isotopia estrutura a funcionalidade social da cidade, promovendo uma interação equilibrada entre os habitantes e tratando de estabelecer ou refutar uma ética coletiva de convivência.

A *isotopia racional*, por sua vez, foca na eficiência e no funcionamento utilitário da cidade. Trata-se da cidade como um espaço, organizado para atender às necessidades cotidianas dos habitantes de maneira prática e econômica. Por meio dessa isotopia, Greimas propõe

que a cidade ideal deve facilitar a vida urbana com o mínimo de esforço, otimizando recursos e comportamentos para o benefício coletivo, promovendo uma economia que facilite (mas que pode dificultar) a rotina dos cidadãos.

Desse modo, parte do modelo ideológico da cidade em Greimas aborda o espaço urbano como um sistema de significações sociais e culturais, em que as isotopias formam uma grade interpretativa do espaço. Greimas propõe que a cidade pode ser compreendida de acordo com essas isotopias, por meio das quais os cidadãos assumem o papel de leitores e participantes do espaço significante. Cada isotopia contribui para uma experiência, eufórica ou disfórica, individual ou coletiva, que, em suas interações, molda o imaginário urbano. A organização da cidade é, portanto, vista como um processo coletivo, influenciado por fatores socioeconômicos, refletindo os aspectos ideológicos que definem o espaço urbano como um conjunto de identidades e narrativas culturais.

Ao fazer seus diários deslocamentos em direção ao centro em movimento pendular (Aranha, 2005, p. 96-97), o cidadão das zonas mais apartadas da metrópole pode perceber uma mudança estética e funcional da paisagem urbana. Das inacabadas casas periféricas aos arranha-céus centrais, da residência ao trabalho e do individual ao coletivo, observa-se, na visualidade da cidade, um percurso que parte da disforia dos bairros marginalizados à euforia dos bairros centrais, de acordo com o discurso hegemônico.

Destacamos essa oposição individual vs. coletivo em função da dominância dos espaços centrais que podiam individualizar as relações nas áreas residenciais periféricas, por conta da exaustão ocasionada pelo trabalho, inserido na coletividade, conforme ocorre

na cidade-dormitório<sup>2</sup> (Villaça, 1998). Contudo, não se descarta aqui uma perspectiva inversa, do coletivo ao individual — identificada na maior valorização dos espaços periféricos a partir das décadas posteriores à origem da pixação —, ao considerar que determinados espaços de trabalho em zonas centrais podem estar ligados ao isolamento e à discriminação, ao passo que, na zona residencial, as relações pessoais são coletivas. Mesmo com a alteração do percurso, a oposição estabelecida prevalece.

Essa marginalização está ligada a um discurso comum na sociedade paulistana nos anos de 1970 e 1980 (mantido até hoje nas classes privilegiadas), determinando que a periferia é “feia” e as zonas centrais são “bonitas”, e que o modelo “cidade-jardim” (Jacobs, 2011, p. 30) implantado nos “bairros nobres” deve ser seguido. Podemos exemplificar com as diversas intervenções políticas para revitalizar a periferia, como o projeto “Cingapura” estabelecido pelo prefeito Paulo Maluf a partir de 1994, cujo objetivo era construir prédios residenciais nas partes pobres da cidade para urbanizar essas regiões e, dentre muitos outros objetivos, desfazer uma estética desordenada e disfórica da zona pobre de São Paulo.

Um exemplo desse viés embelezador do projeto está na construção dos prédios ao redor do autódromo de Interlagos. Os primeiros a serem terminados foram os justapostos aos muros do autódromo. Do ponto de vista das câmeras da Fórmula 1, havia um entorno “urbanizado” ao autódromo, mas, na verdade, por trás da muralha de prédios

2 O termo “cidade-dormitório” refere-se a um tipo de organização urbana caracterizada pelo fato de a maioria de seus habitantes residirem em uma localidade, mas trabalharem ou realizarem suas atividades cotidianas em uma cidade vizinha, geralmente maior ou economicamente mais dinâmica. Destacamos que “a noção de cidade-dormitório ficou associada aos processos de marginalização e periferização da pobreza nos contextos de expansão metropolitana nos estudos urbanos brasileiros, sobretudo após 1970. No entanto, diferentemente dessa conotação pejorativa que as cidades-dormitórios assumem em parte da literatura especializada no Brasil, as noções correspondentes a cidade-dormitório na bibliografia internacional são vistas de forma menos pessimista, sendo comumente associadas ao processo de suburbanização das classes médias” (Ojima *et al.*, 2010, p. 396).

do “Cingapura” que aparecia na televisão, havia um canteiro moroso de obras inacabadas.

A partir desse espaço característico, que é a cidade de São Paulo, foi produzido um estilo próprio de inscrição, a pixação, e, para compreendê-lo, é válido situá-lo nessa mesma cidade com seus interdiscursos e os sentidos produzidos por seu próprio espaço. Em vista disso, um breve histórico das inscrições urbanas é delineado pelo viés da pixação. Em seguida, busca-se uma relação do espaço público da cidade, que direcionaria esteticamente a pixação, para, enfim, iniciar uma reflexão sobre a forma tipográfica dessa prática e os conteúdos expressados por ela.

#### **Breve histórico**

Uma das origens das inscrições urbanas é atribuída ao movimento estudantil de Maio de 1968, ocorrido na França (Correa, 2016). Contra um regime político repressor e uma sociedade burguesa moralista, o movimento estudantil encontrou, na inscrição política nos muros da cidade de Paris, uma forma de protesto, principalmente nas universidades da capital francesa. Essas inscrições nos muros continham um teor revolucionário; por meio de frases, pensamentos e versos, propunham uma reflexão sobre suas reivindicações sociais:

A revolução é inacreditável porque é verdadeira  
(Faculdade de Letras, Paris);

A imaginação toma o poder (Faculdade de Ciências  
Políticas, Paris);

Quanto mais faço amor mais vontade tenho de fazer  
revolução. Quanto mais faço a revolução mais vontade  
tenho de fazer amor (Sorbonne) (Costa, 2000, p. 21-22).

Essa atitude do movimento estudantil francês influenciou uma nova postura artística. Após o Maio de 1968, viu-se, nas inscrições

dos muros parisienses, uma possibilidade a ser desenvolvida nas artes, assim, iniciou-se uma ampliação estética com um novo suporte: o grafite.

O grafite realizado na França passou a utilizar cores e figuras, mantendo seu suporte e, sobretudo, sua integração com o espaço público. É no espaço urbano que o grafite tem origem e se desenvolve, e no diálogo com o espaço e com o público, chega a uma possibilidade de ampliar o acesso das pessoas ao objeto artístico. Instaura o spray como ferramenta de uma nova técnica nas artes plásticas, criando novas texturas, novas linhas, enfim, uma nova perspectiva plástica. Dentro da rotina cinza dos cidadãos, insurge o acontecimento estético, que colore os espaços urbanos trazendo um momento de fruição e reflexão a pessoas cuja visão institucionalizada da arte as afugenta dos museus e galerias. Com o grafite, a arte se aproxima do cotidiano, entretanto, é necessário parar um pouco para percebê-la.

A partir do crescimento dessa nova arte, houve um questionamento sobre a legalidade de tal atitude, pois as obras eram realizadas sem autorização, em espaços públicos e privados. Gerou-se uma polêmica: para alguns, o grafite era considerado vandalismo, para outros, era uma válida maneira de expressão. Nesse período inicial, o movimento artístico tinha um caráter marginal, já que, pelas leis da cidade de Paris, era possível ser preso por grafitar nos espaços públicos. Mesmo com uma boa recepção do público, o grafite estava em um período de posicionamento e aceitação social.

Outra procedência das inscrições urbanas está em Nova Iorque, nas décadas de 1970 e 1980, mais precisamente nos bairros periféricos da cidade. Os moradores adolescentes desses bairros, em sua maioria constituídos de filhos de imigrantes negros e latinos, faziam inscrições em muros, bancos de ônibus, vitrines etc., com seus codinomes seguidos do número da rua. Tais inscrições eram denominadas *tags*. Essas *tags* começaram a ser inscritas nos muros da vizinhança desses

adolescentes e logo foi ampliando seu espaço por toda cidade, como também passaram a ser sinônimo de marca territorial e a representar gangues. Então, quanto mais o(s) “dono(s)” fazia(m) suas marcas pela cidade, mais territórios eram “conquistados”. Em pouco tempo, houve uma intensa intervenção das *tags* na cidade. Dentre elas, a mais conhecida foi Taki 183, que foi assunto de uma reportagem feita em 1971 pelo jornal *The New York Times*.

Com o espalhamento dessa manifestação na cidade, houve uma queda do impacto causado pelas *tags*, que se tornaram comuns; em resposta, os produtores dessas marcas procuraram novas formas de se destacarem visualmente na cidade, buscando novos espaços e mudando a forma das *tags*. Logo, alterou-se o estilo das letras, inseriram-se cores às formas e incluíram-se figuras às assinaturas, o que deu origem ao grafite. Mesmo assim, esse tipo de grafite ainda era associado ao vandalismo.

Consequentemente ao grafite, desencadearam-se novos modos de realização no segmento. Artistas passaram a empregar o figurativismo e a abstração em seus grafites, excluindo as letras ou deixando-as em segundo plano. Nessa fase, o grafite já obtinha uma boa recepção e já se inseria em outros espaços, como museus e galerias de arte. Cito como exemplo, o artista plástico Keith Haring, que inicialmente viu no grafite uma maneira de fazer arte fora das instituições tradicionais, ampliando sua temática, e com o êxito de suas obras, introduziu essa arte, antes marginal, nessas instituições. Além de trazer o grafite para museus e galerias, Haring também o colocou no mercado consumidor por meio de produtos. Roupas e objetos levavam, estampados, seus desenhos e conquistavam um novo mercado para esse artista contemporâneo.

Portanto, da marginalidade nos anos de 1960 e 1970, o grafite passou, nos anos de 1980, a ter prestígio e ser considerado mais uma técnica empregada por artistas plásticos. Ampliou seu caráter po-

lítico e mudou seu enfoque na função utilitária para empregar a função estética em seus textos.

Há dois tipos de texto, aqueles que têm função utilitária (informar, convencer, explicar, documentar, etc.) e os que têm função estética. Se alguém ouve ou lê um texto com função utilitária, não se importa com o plano da expressão. [...]. No texto com função estética, a expressão ganha relevância, pois o escritor procura não apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de tal sorte que importa não apenas o que diz, mas o modo como se diz (Fiorin, 2008, p. 57).

Gradualmente, as inscrições urbanas vão, via inscrições políticas e via *tag*, vai abandonando a função utilitária para ir em direção à função estética; essa passagem é acompanhada da inserção de uma maior plasticidade nas obras, chegando ao ponto de excluir a linguagem verbal que antes as dominava. Paralelamente a esse movimento visualista, as inscrições urbanas estavam se integrando ao mercado de arte.

Já no Brasil, a origem das inscrições urbanas tem alguma influência dos movimentos ocorridos em Paris e Nova York. Nos anos de 1960, com o regime político ditatorial, inscrições políticas contra o regime eram praticadas nos muros das capitais brasileiras. Contudo, já nos anos de 1930 havia inscrições de protesto, por exemplo, as inscrições políticas, na Bahia, contra o integralismo e a favor do partido comunista.

Na década posterior, um movimento de inscrições publicitárias e poéticas tomou conta da cidade paulista. A célebre frase “Cão Fila Km 26”, que aparecia nos muros da cidade, despertou a curiosidade do público, porém, era tão somente uma propaganda de um canil especializado em cães de raça fila situado no quilômetro 26 de alguma rodovia. A outra modalidade de inscrições feitas pela cidade tinha um viés poético e humorístico. Frases espalhadas pelas ruas, como

“ora h”, “Deus saiu daqui e eu também”, “entre a moral e o direito existe a sedução”, “beba a vida!” etc., chamavam a atenção dos cidadãos paulistanos entre o fim dos anos de 1970 e o início dos anos de 1980.

Nesse mesmo período, o grafite, à moda nova-iorquina, principia-va nos muros da cidade paulistana pelo spray do artista Alex Vallauri, cuja influência formou toda uma geração de grafiteiros em São Paulo. Suas figuras de botas de salto alto despertavam, pela repetição, a curiosidade dos transeuntes. A partir disso, foi ampliado seu repertório de imagens pela cidade, chegando a integrar, com sua exposição “A rainha do frango assado”, a 18ª Bienal de Artes de São Paulo em 1987. Seu prestígio é marcado pela data de sua morte, 27 de março de 1987, considerada o dia do grafite.

Até o reconhecimento de parte das inscrições urbanas como arte e sua inserção no mercado, as produções brasileiras sofreram a mesma recepção negativa, e ainda mais com o nascimento de outra prática no fim dos anos de 1970, com grande foco em São Paulo: a pixação, que intensificou a aversão do público.

Semelhante às *tags* nova-iorquinas, a pixação era formada de assinaturas, geralmente de codinomes que representavam uma pessoa ou um grupo, contudo, diferentemente das *tags*, cujo desenvolvimento levou ao grafite, a pixação seguiu outro caminho para chamar a atenção do enunciatário urbano. O excesso pela repetição e a dificuldade do local do suporte foram as vias encontradas por esse tipo de manifestação (Correa, 2021). Desse modo, quanto mais inacessível fosse o local da pixação e quanto mais lugares houvesse a mesma inscrição, maior o valor daquela inscrição ou “pixo”. Uns dos pioneiros na pixação em São Paulo foi Oswaldo de Campos Júnior, o Juneca, que, no fim dos anos de 1970, iniciou o espalhamento de seu pixo “Juneca” pela cidade e, anos mais tarde, foi acompanhado por “Pessoinha”, formando o pixo “Juneca-Pessoinha”. O pixador se tornou célebre por ser preso em 1988, por suas intervenções na cidade; e como as diversas práti-

cas de inscrições urbanas, em sua origem, não eram distinguidas pelos cidadãos e pelo poder público, a rejeição homogeneizava-as. A mesma polêmica ocorrida em Paris e em Nova Iorque sobre a legalidade de tais atividades sucedeu em São Paulo, todavia, o grafite, com o passar dos anos, alcançou o prestígio social que a pixação não logrou.

À medida que a pixação, em São Paulo, foi se desenvolvendo, a preocupação atrelada ao plano do conteúdo cuja funcionalidade comunicativa determinava o *design* das letras, foi perdendo espaço para o maior tratamento estético dado à tipografia. Na pixação da geração de Juneca, era possível identificar o significado da palavra inscrita no muro, entretanto, nas gerações posteriores, devido à maior elaboração tipográfica, já não era mais possível, para o olhar comum, identificar o significado do codinome pixado.

Apesar de ainda a pixação possuir um valor social disfórico, já se pode dizer que sua inserção no mercado de arte é um fato. Esse movimento de abertura pode ser identificado pela mescla entre grafite e pixação, geradora do grapixo, cuja tipografia do pixo associada ao estilo do grafite permite maior compreensão do texto, ou seja, um estilo intermediário que “quer ser entendido” pela população passante.

#### **Imitação urbana**

Qualquer pessoa, ao transitar pelas ruas de uma grande cidade, consegue identificar facilmente um “pixo”, como também pode diferenciá-lo de um grafite (Correa, 2016). É inegável o estabelecimento de uma estética do “pixo”, pois apesar de sua intenção diferenciadora, ainda assim há algo que marca seu estilo. Essa prática de inscrição urbana própria à cultura urbana brasileira teria, na sua constituição formativa, uma correspondência com a dinâmica da cidade, especialmente, de São Paulo. Abro aqui um parêntesis para evitar inclinações indesejáveis, já que não busco uma crítica genética da prática da pixação, mas creio que poderia haver correlação entre essa expressão urbana e o próprio espaço de sua produção.

Conforme a pixação foi avançando no tempo, houve um processo de extrema compactação tipográfica. Com isso, o conceito de assinatura, de marca pessoal, foi transferido do plano do conteúdo para o plano da expressão, ou seja, o sentido da escrita não se fixava mais no conteúdo do nome e sim no modo de expressá-lo, via depuração estética. Essa depuração é resultado de um fenômeno social típico da pixação: a afirmação da identidade. Um pixador passa por um período de criação de sua tipografia, cuja forma deve ser original. Além da originalidade, há certas coerções estilísticas que são formadas pela prática: os traços e os nomes devem ser curtos e somados ao emprego do monocromatismo, associam-se à exigência da rapidez da ação e ao acesso físico ao suporte, cuja síntese está na valorização de uma ferramenta, o spray.

Para se diferenciar, o pixador deve encontrar uma marca autêntica em sua tipografia, por intermédio da qual será identificado por outros pixadores. Como há um excesso de pixos pela cidade, o conteúdo da assinatura perde força para a depuração da expressão. Criado o pixo, inicia-se sua aplicação na cidade, de forma repetitiva, em lugares “visados” e de difícil acesso, onde a inacessibilidade e a frequência geram, para o *performer*, mais “ibope” entre os pixadores, seu objetivo final. Movidos principalmente pela adrenalina ocasionada pela transgressão, o reconhecimento, tanto dos próprios pixadores quanto de qualquer pessoa, é a mola propulsora para alcançar topos de prédios, portas e janelas comerciais, muros e paredes, enfim, todo e qualquer lugar em que o pixo possa ser visto.

Sob o ponto de vista do espaço no qual o pixador está inserido, compreende-se que a produção do pixo se relacionaria com a estética da cidade e a absorção das vanguardas artísticas pela cultura de massas, que integrariam a formação discursiva na pixação. A elaboração tipográfica em jornais e revistas, no campo publicitário, e a criação do *design* de produtos são bastante influenciadas pelas vanguardas artísticas, como a *art nouveau*, o futurismo, a poesia concreta, o ci-

nema de vanguarda etc. A título de exemplo, no Brasil, artistas como Alexandre Wollner, Décio Pignatari e Fernando Meireles utilizavam seus conhecimentos em trabalhos relacionados ao campo publicitário. Por meio desse discurso visual do *mass media*, haveria uma sensibilização para esse tipo de depuração formal do pixo.

Concomitantemente, a cidade exerceria um parâmetro a ser emulado visualmente. A imposição monocromática do cinza, do branco ou do bege em todo espaço urbano, a verticalização da zona central, o inacabamento das casas na periferia, a fiação elétrica emaranhada nos postes da cidade, a poluição visual publicitária e sua excessiva repetição intercederiam na prática do pixo, cujos ângulos retos, repetição, verticalidade e monocromia reproduziriam o espaço de uma maneira singular.

Heinrich Wölfflin (2006), historiador de arte, formalista, definiu dois estilos fundamentais de análise na história da arte europeia: o estilo linear e o estilo pictórico. O estilo linear, característico do Renascimento, enfatiza a precisão dos contornos e a clareza das formas, criando uma sensação de estabilidade e ordem. Já o estilo pictórico, associado ao Barroco, privilegia a fluidez das formas, o jogo de luz e sombra, e a integração das figuras no espaço, resultando em uma composição mais dinâmica e emocional. Wölfflin usou esses conceitos para mostrar a evolução da arte ocidental, destacando as diferenças na percepção e representação da realidade.

Como exemplo, abordamos inicialmente a pintura de Lorenzo Lotto, *Susanna e i vecchioni*, que se apresenta como um exemplo representativo do estilo clássico na pintura (Figura 1). Na sequência, destacamos o quadro de Rembrandt (Figura 2) sobre o mesmo tema do banho de Suzana, que, como observa Wölfflin (2016, p. 281), ilustra características marcantes do estilo barroco. Ambos os artistas exploram a narrativa bíblica de forma distinta, refletindo suas respectivas abordagens estilísticas.

IDENTIDADE, EXPERIÊNCIA E DISCURSO: SEMIÓTICA E CRÍTICA DA CULTURA

**Figura 1** — Suzana e os velhos (1517)



Fonte: Uffizi (2024).

**Figura 2** — Suzana no banho (1647)



Fonte: Staatliche Museen zu Berlin (2024).

A pele nua de Suzana, no quadro clássico, tem a mesma tonalidade que a pele de seus detratores, a cor e o pregueado de sua roupa não difere das vestes dos homens em primeiro plano, nem do vestido da mulher que caminha no plano de fundo. O espaço entre as figuras do quadro produz um efeito de leveza, enquanto que em Rembrandt há maior compactação entre as figuras e os tons escuros indefinem os contornos criando maior densidade na pintura.

Ainda que neste último [no quadro de Rembrandt] as vestes atiradas pela banhista ao chão, de um vermelho brilhante, intensificado pela coloração marfim do corpo, projetem a sua luminosidade para fora do quadro, ninguém duvidará do significado objetivo dessa mancha de cor, e dificilmente esquecerá que esse vermelho é um vestido, o vestido de Suzana; apesar disso, o espectador sente que está muito distante de todos os quadros do séc. XVI (Wölfflin, 2006, p. 281).

Os estilos linear e pictórico não são pontos de vista estanques e por isso podem se diferenciar segundo suas dependências. A linearidade do Renascimento e a “pictoricidade” do Barroco mudariam conforme suas relações: dois artistas barrocos podem pertencer cada um a um estilo diferente, sendo um mais linear e outro mais pictórico, por exemplo.

Aqui se faz sentir a pobreza do idioma. Precisaríamos de milhares de palavras para designarmos todos os períodos de transição. Trata-se sempre de julgamentos relativos, comparado com um estilo, podemos designar este de pictórico. Grünewald é certamente mais pictórico do que Dürer, mas, ao lado de Rembrandt, ele está imediatamente caracterizado como um artista do Cinquento, ou seja, um mestre da silhueta (Wölfflin, 2006, p. 41-42).

Na linguagem verbal, quando se utiliza a primeira pessoa (eu/nós), o discurso tende a tornar-se mais subjetivo, pois há uma projeção da enunciação no enunciado. Nesse caso, o enunciador evidencia as marcas de sua presença na construção do discurso. Por outro lado, o uso da terceira pessoa (ele/ela/eles/elas) tende a criar um discurso mais objetivo, pois a instância da enunciação é omitida. No caso do discurso científico, o enunciador direciona o discurso para o enunciado, como se estivesse tratando de algo externo e independente de sua própria visão ou experiência, por isso a marcação em terceira pessoa. Nesse sentido, os efeitos de objetividade (terceira pessoa) e de subjetividade (primeira pessoa) estariam ligados à significação e não somente à linguagem verbal. Logo, poderíamos considerar os estilos plásticos sob essa ótica: ao linear corresponderia um efeito objetivo e ao pictórico um efeito subjetivo.

Pietroforte (2004), ao analisar os efeitos de objetividade e subjetividade na arte, relaciona essas características com os estilos mencionados por Wölfflin (2006).

A categoria estilo pictórico vs. estilo linear, entretanto, é uma categoria de expressão, e não de conteúdo, o que permite indagar a que tipo de enunciação ela se refere, já que a enunciação, na semiótica, está definida no plano do conteúdo.

Quando se diz que o estilo pictórico aproxima o enunciatário do enunciado e o linear afasta-o, coloca-se em questão a possibilidade de se pensar em uma enunciação própria do plano da expressão, com seus respectivos efeitos de sentido (Pietroforte, 2004, p. 42).

No estilo linear, a objetividade prevalece, já que a arte busca representar o mundo de forma clara e precisa, reforçando a separação entre o observador e o objeto. No estilo pictórico, a subjetividade ganha espaço, com a arte transmitindo mais emoção e envolvendo o observador de maneira mais imersiva.

A pixação pode ser compreendida então como pertencente ao estilo linear. Sob essa perspectiva, busca-se, dentro do estilo linear da tipografia da pixação, outro ponto de vista sobre as categorias produtoras de efeitos de sentido, o que significa que a subjetividade e a objetividade ainda poderiam ser identificadas nessa prática.

Em pixações contemporâneas, chama a atenção uma vertente de valorização da função utilitária da linguagem. Esse foco no conteúdo é acompanhado de uma mudança tipográfica, pois enquanto, na pixação *stricto sensu*, o plano da expressão, com os traços em ângulos retos e agudos, é intensificado, atualmente, há outra prática que retoma o estilo das inscrições políticas ou dos primeiros pixadores, como Juneca, utilizando um traço arredondado em favor do plano do conteúdo. Outra diferença reside no local onde cada uma é inscrita: a pixação angular (Figura 3) ocupa qualquer lugar na cidade, exigindo do enunciatário um contorcionismo visual para apreender a inscrição; já a arredondada (Figura 4) busca se situar no campo de visão do enunciatário, ou seja, propõe uma aproximação na cena enunciativa.

**Figura 3** — Tipografia reta



**Fonte:** Acervo pessoal ©.

**Figura 4** — Tipografia curvilínea

**Fonte:** Acervo pessoal ©.

Entende-se então que as pixações com uma tipografia angular proporcionariam um afastamento do enunciatário, causando um efeito de objetividade, ao passo que as que usam uma tipografia arredondada produziriam uma aproximação, gerando um efeito de subjetividade. Além disso, outro elemento a ser considerado é a continuidade da linha que produz a letra. A categoria *contínuo vs. descontínuo* também seria um fator que contribuiria para os efeitos de aproximação e afastamento. Nesse sentido, linhas contínuas teriam uma carga subjetiva, quando associadas ao arredondamento tipográfico, bem como a descontinuidade vinculada ao angular reforçaria a objetividade. A oposição “letra de mão e letra de forma” sintetiza essa dicotomia: a continuidade arredondada marcaria a subjetividade da mão que produz a letra cursiva, ao passo que a descontinuidade angulada é caracterizada pela máquina que marca cada letra objetivamente pelo tipo.

É sempre válido destacar que os valores constituídos pela continuidade e curvatura são sempre relacionais, conforme nos ensinou Saussure. Na tipografia da pixação, o arredondado determinaria a sub-

jetividade, e a ligação contínua entre as letras reforçaria tal efeito, porém, apenas a continuidade não seria suficiente para gerar tal efeito, como se a junção tipográfica entre as letras fosse um elemento auxiliar na produção do sentido. O mesmo ocorre com a angulosidade objetivada, cuja descontinuidade sozinha não garantiria o mesmo efeito. Por isso, encontram-se pixos angulares, com letras contínuas e descontínuas, cujo impacto no afastamento é gradual<sup>3</sup>. Esse efeito tipográfico é acompanhado pela significação do lugar onde se dispõem esses tipos de pixação. A categoria eidética *arredondamento* realizada pelas letras está geralmente associada a uma colocação dentro do campo de visão do enunciatário e a categoria *angulosidade* varia.

Conforme vimos na apresentação histórica das inscrições urbanas, certas práticas, como as inscrições políticas, buscam comunicar-se em letras cursivas colocadas à vista dos enunciatários, para transmitir, ao maior número de pessoas, o conteúdo verbal no espaço urbano. Diferentemente de outras práticas que fazem um movimento “para dentro” (Correa; Schwartzmann, 2022), dificultando a leitura para o enunciatário. Ao priorizar o plano da expressão em espaços não convencionais, o pixo faz da cidade um espaço de disputa entre pixadores e, como consequência, gera uma exclusão de grande parte da população — reflexo do que a cidade faz com eles. Suporte e texto-enunciado (Fontanille, 2018) são orientados, portanto, pelo tipo de prática de inscrição urbana. Logo, as inscrições na rua são uma marca de como determinados grupos sociais usam a cidade — lê-las é pegar seu recado.

A relação centro-periferia que formou o contexto de constituição da pixação estabelecia, sobre as isotopias estética, política e racional, a disforia nos discursos e ações atrelados à periferia, que era vista como feia, suja, desorganizada, ou seja, precária, em contraposição à euforia atrelada ao centro, belo, limpo e organizado. Nessa dinâmica, associamos o percurso periferia-centro ao individual-coletivo, porque

<sup>3</sup> Embora não seja o escopo do trabalho, uma combinatória categorial seria possível na elaboração tipográfica em função de graus enunciativos.

na organização urbana do centro, nas atividades de trabalho, na presença de políticas públicas, na oferta de serviços estaria impresso esse estatuto da cidadania, que é coletiva. Já na periferia, haveria as ações individuais que moldariam a falta de padronização do espaço urbano.

O texto do pixo faz alusão a essa significação urbana ao ser produzido, não só como enunciado, mas, sim, enquanto prática. Sua origem marcada pela opressão social de classe imprime, na tipografia angular, descontínua, monocromática junto à ocupação da visualidade urbana, uma resposta no diálogo precário com a cidade.

#### **Palavras finais**

A pixação se forma como uma prática artística, social e política complexa, que transcende a mera intervenção urbana ao responder às dinâmicas de exclusão e desigualdade estruturais das cidades, marcadas em sua origem, mas não somente. Sua estética angular, monocromática e descontínua não é apenas uma escolha estilística, mas uma forma de resposta à disforia que marca as isotopias topológicas associadas a zonas periféricas, ao desafiar os valores hegemônicos de organização e beleza associados aos centros urbanos. Ao mesmo tempo, ela estabelece um diálogo direto com a marginalização e precariedade da periferia, agredindo a euforia dos centros com a disforia dada às periferias; por consequência, o pixo é feio, sujo, agressivo, ilegal.

A tipografia da pixação, com traços característicos de verticalidade e inacabamento, simboliza uma identidade coletiva que questiona a exclusão social e espacial. Além disso, a interação com a cultura de massa e a assimilação parcial de estéticas vanguardistas reforçam sua natureza contestadora e performativa, que circula entre uma estética formal e a espontaneidade da expressão marginal.

Como prática, a pixação transcende o plano visual ao desafiar normas, reinterpretar espaços e amplificar as vozes de sujeitos historicamente invisibilizados. Ela se posiciona como um testemu-

nho das contradições urbanas e como uma afirmação simbólica poderosa de pertencimento, visibilidade e contestação. Sua capacidade de emular a dinâmica urbana reafirma seu papel como manifesto visual das tensões sociais e espaciais que estruturam a cidade desde os anos de 1970. Assim, a pixação não apenas transforma os espaços que ocupa, mas carrega uma mensagem essencial sobre a luta por reconhecimento e identidade no cenário urbano.

### Referências

ARANHA, V. Mobilidade pendular na metrópole paulista. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 96-109, out./dez. 2005.

ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*, nova versão. Trad. Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BELLIS, M. The history of aerosol spray cans. *About.com*. (online) Disponível em: <http://inventors.about.com/od/astartinventions/a/aerosol.htm>. Acesso em: 28 nov. 2012.

CORREA, T. M.; SCHWARTZMANN, M. N. Del soporte a la práctica: estrategias implicativas y concesivas en las inscripciones urbanas. *Tópicos del Seminario*, Claude Zilberberg: la semiótica tensiva II, n. 47, p. 156-171, enero/jun. 2022. Disponível em: <https://topicosdelseminario.buap.mx/index.php/topsem/article/view/772>. Acesso em: 5 dez. 2024.

CORREA, T. M. Mudanças de suporte na história das inscrições urbanas. *Estudos Semióticos*, 17(1), p. 72-81. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181226>. Acesso em: 5 dez. 2024.

CORREA, T. M. *Inscrições urbanas: abordagem semiótica*. 2016. 209 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

COSTA, R. R. A. *A recepção e a estética das imagens grafitadas nos espaços da cidade de São Paulo*. 2000. 281f. Tese (Doutorado) — ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

- DISCINI, Norma. Muralismo urbano e práticas semióticas: o leitor, a leitura. *In: MANCINI, Renata; BEIVIDAS, Waldir; LOPES, Ivã Carlos (org.). Semiótica: horizontes, perspectivas, debates*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 143-174.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2018.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, A. J. *Sémiotique et sciences sociales*. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- GREIMAS, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- NASCIMENTO, E. P. do. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. *Revista Rua*, Campinas, n. 16, v. 2, nov. 2010.
- OJIMA, R. et al. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as "cidades-dormitório" no Brasil. *Cadernos Metrôpole*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 395-415, jul./dez. 2010.
- PIETROFORTE, A. V. S. *Percursos do olhar: os efeitos de sentido na leitura de imagens*. São Paulo: Contexto, 2004.
- RACIONAIS MC'S. Da ponte pra cá. *In: Nada como um dia após o outro*. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.
- RACIONAIS MC'S. Fim de semana no parque. *In: Raio X Brasil*. São Paulo: Cosa Nostra, 1993.
- VILLAÇA, F. *Espaço intraurbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Lincoln Institute, 1998.
- WÖLFFLIN, H. *Conceitos fundamentais de história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



## TEMPO E REPETIÇÃO NA FORMAÇÃO DOS SÍMBOLOS

### TIME AND REPETITION IN THE FORMATION OF SYMBOLS

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19290

Thiago Moreira Correa<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo examina a definição de símbolo segundo Hjelmslev, destacando uma perspectiva diacrônica em relação à conformidade entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, que se realiza pela repetição ao longo do tempo. Utilizando exemplos históricos como a foice e o martelo no comunismo, demonstra que a repetição consolida a identidade e o valor simbólico. A proposta, situada na semiótica hjelmsleviana, busca estabelecer que o tempo e a repetição são fundamentais para a transformação de signos em símbolos poderosos, moldando identidades coletivas, movimentos sociais e criando significados duradouros.

**Palavras-chave:** Símbolo; Repetição; Conformidade; Comunismo; Tensividade.

**Abstract:** The article examines Hjelmslev's definition of the symbol, highlighting a diachronic perspective on the conformity between the expression plane and the content plane, which is realized through repetition over time. Using historical examples such as the hammer and sickle in communism, it demonstrates that repetition consolidates identity and symbolic value. Situated within Hjelmslevian semiotics, this approach seeks to establish that time and repetition are fundamental for the transformation of signs into powerful symbols, shaping collective identities, social movements, and creating lasting meanings.

**Keywords:** Symbol; Repetition; Conformity; Communism; Tensivity.

#### Introdução

A abrangência no senso comum da palavra símbolo impede uma investigação exaustiva, porém, a definição hjelmsleviana de sistema simbólico (2006, p. 118) propõe uma restrição dessa multiplicidade. Essa variabilidade interpretativa na definição de símbolo pode ser observada no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Instituto Antônio Houaiss, 2012) e no *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (Borba, 2004), cuja heterogeneidade aparece em acepções imprecisas como “1. qualquer coisa usada para representar outra, especialmente objeto material que serve para representar qualquer coisa imaterial: *o lírio é o símbolo da pureza*” (Borba, 2004, p. 1286) ou “1. aquilo que, por um princípio de analogia formal ou de

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e pesquisador de pós-doutorado na FCLAr-UNESP. E-mail: [thiago.correa@unesp.br](mailto:thiago.correa@unesp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7474-5596>



outra natureza, substitui ou sugere algo; 2. aquilo que, por pura convenção, representa ou substitui outra coisa” (Instituto Antônio Houaiss, 2012); chegando a definições mais próximas da linguística: “3. figura convencional elaborada expressamente para representar uma coisa; emblema, insígnia” (Borba, 2004) e “1.4 sinal indicativo; signo” (Instituto Antônio Houaiss, 2012).

Essa disparidade já estava prevista no *Dicionário de Semiótica* (2008), que afirma o conceito de Hjelmslev (2006) sobre o sistema de símbolos, mas admite usos “não-linguísticos e não-semióticos” do vocábulo. Como pode ser observado no verbete “símbolo”:

[...] o termo símbolo admite definições múltiplas e variadas, tais como “aquilo que representa outra coisa em virtude de uma correspondência analógica” ou “ausência feita presença”, etc. Em todos esses casos, não se questiona a natureza de signo, sendo que as determinações complementares que lhe são acrescentadas remetem ora ao caráter pluriisotópico do discurso, ora aos mecanismos ainda mal explorados de conotação, etc. O emprego desse termo sincrético e ambíguo deve, por enquanto, ser evitado em semiótica (Greimas; Courtés, 2008, p. 464).

O próprio Hjelmslev vai apontar as hesitações da Linguística de sua época para tratar do termo (2006, p. 118); contudo, a sua delimitação, torna viável a abordagem semiótica. A conformidade entre os planos guia o conceito linguístico de símbolo, mas basta criar essa correlação exclusiva para formar um símbolo? Melhor dizendo, a definição parte da análise do sistema simbólico, ou seja, todo símbolo possui essa estrutura, porém ela revela toda complexidade de um símbolo?

Em uma abordagem do sistema simbólico, toma-se brevemente a pixação<sup>2</sup> como exemplo, a partir de sua configuração enquanto assinatura. Mesmo que isso também ocorra em outras práticas de inscrições urbanas, a pixação possui normas estritas que a tornaram mais concentrada em um grupo social, coeso, preservando-se de misturas com outras práticas, o que favorece a relação entre a repetição de uma marca atrelada a um conteúdo identitário. Além disso, a pixação, sendo uma prática contemporânea brasileira, oferece a vantagem de poder ser verificada diretamente no local de sua realização.

A assinatura estilizada tipograficamente pela pixação é singular, porque, após sua composição, o pixador deve espalhá-la exaustivamente pela cidade para a afirmação de sua identidade. Mesmo para os enunciatários que não possuem a competência necessária para ler o

<sup>2</sup> Adotamos o uso não prescrito pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras a respeito da palavra “pixação”.



pixo e relacioná-lo a valores de identidade do enunciador, por exemplo, o significado do nome correspondente à assinatura; permanece uma associação da expressão ininteligível a um programa narrativo, no qual um sujeito, anônimo, busca valores de identidade ou reconhecimento (“ibope”) pela produção do objeto-valor inscrição urbana. Esse reconhecimento de alguém que foi a determinado lugar para fazer sua assinatura ganha cada vez mais força identitária conforme a quantidade de repetição de sua marca aumenta, ou seja, é possível vincular diretamente ao pixo uma identidade.

As diferenças de recepção estariam vinculadas à capacidade do enunciatário de apreender a sintaxe discursiva do enunciado. Um enunciatário competente lê as marcas enunciativas deixadas no enunciado, nome, data e região, já um enunciatário não-competente não perceberia essas marcas e consideraria o pixo como um texto enuncivo, longe demais para requerer alguma atenção, ou como um enunciado visual esvaziado de conteúdo. A falta de sentido levaria à negligência de sua presença. Essas aproximações e afastamentos passam também por embreagens, pois a identificação da projeção espacial e temporal no texto é mais acessível ao leitor desaperecebido que a projeção do enunciador na assinatura.

Afora as distinções sintáticas produzidas na recepção do pixo, a conformidade de um conteúdo identitário à sua expressão seria reconhecida, ou seja, em termos hjelmslevianos, o pixo seria um símbolo. Prontamente, surgiria uma contra-argumentação afirmando o caráter simbólico da assinatura de pessoas físicas ou até mesmo do nome de batismo, pois haveria conformidade entre o plano da expressão e o conteúdo, alargando o conceito de símbolo. A resposta seria sim, se fosse considerada a definição de símbolo somente como uma semiótica monoplana. Contudo retoma-se a pergunta, a estrutura do sistema simbólico mostra toda complexidade da constituição do símbolo?

Pela investigação do sistema simbólico nas inscrições urbanas, diríamos que não, porque dois fatores não teriam sido considerados, a repetição e o tempo. Observa-se que não discordamos da definição de Hjelmslev (2006) sobre o sistema simbólico, em que todo símbolo é uma semiótica monoplana, mas nem toda conformidade entre os planos produziria um símbolo. Consequentemente, nem a assinatura de pessoa física, nem o nome de batismo e talvez nem a pixação seriam símbolos, pois sua repetição no tempo seria insuficiente.

Propõe-se, então, que além da relação unívoca entre os planos, o símbolo deva ser compreendido por meio de sua repetição no tempo, aliás, acreditamos que pela repetição do símbolo no tempo seja alcançada a conformidade entre os planos. Nossa consideração não busca fazer um tratado geral dos símbolos e tampouco uma investigação sobre os discursos religiosos



e políticos ligados a eles, mas, sim, promover apenas o início de uma reflexão sobre sua definição, excluindo qualquer aprofundamento nas ciências que os envolvem.

Assim, os exemplos clássicos sobre os símbolos, a suástica relacionada ao nazismo ou a foice e o martelo para o comunismo, não se tornaram símbolos automaticamente após sua criação. Quando o Partido Comunista adotou em 1918 o emblema criado por Evgueni Kamzolkin, o comunismo possuía outros símbolos concorrentes, como martelo e arado, martelo e forquilha etc. (Khutarev, 2014), mas foi pela bandeira da União Soviética e pela reprodução massiva de seu signo ao longo do século XX que a foice e o martelo tornaram-se símbolos do comunismo, mesmo depois do fim da União Soviética.

O mesmo vale para a suástica, que foi um emblema bastante empregado em diversas culturas desde o período Neolítico. Porém, a partir de 1920, com a criação do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, a *Hakenkreuz* (cruz gamada ou cruz com ganchos), destacada de um fundo vermelho e de um disco branco, foi gradativamente associada ao discurso de Hitler e ao Nazismo, afastando-se da representatividade da classe trabalhadora, até ser considerada em 1935 como bandeira nacional da Alemanha. Atualmente, o símbolo está inteiramente ligado ao nazismo, mesmo depois do fim desse período histórico, e perdeu completamente, no Ocidente, sua relação com as culturas do passado<sup>3</sup>.

Os emblemas citados tinham inicialmente diversos conteúdos relacionados a eles, movimento trabalhador, revolução russa, socialismo, no caso da foice e do martelo, e no caso da suástica do Partido Nacional-Socialista, movimento dos trabalhadores, força política alemã e reconstrução. Conforme os discursos foram se concentrando concomitantemente à reprodução do emblema, a marca ganhava em força e unidade até chegar a uma relação unívoca entre conteúdo e expressão.

Não se busca uma resposta para os motivos históricos que levaram à concentração de conteúdos para a formação do símbolo, especula-se: talvez houvesse uma convergência de narrativas próximas (no exemplo da foice e martelo, da revolução russa, do movimento trabalhista e do socialismo) com sujeitos diferentes buscando os mesmos valores, delegados pelo mesmo destinador. Essa convergência poderia ter sido alcançada pela conjunção de um desses sujeitos narrativos (Partido Comunista) com o objeto-valor por meio de uma disputa ou

<sup>3</sup> Como o Decreto-Lei brasileiro nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que proíbe no artigo 20º § 1º fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo” (Brasil, 1989).



pela união desses sujeitos, que partilham os mesmos valores, para realizar um único programa narrativo.

Entretanto, para o estudo da estrutura simbólica, a relevância está na concentração desses conteúdos, pois sua alta extensidade produziria, em uma relação inversa, baixo impacto, quer dizer, cada repetição do símbolo, um acento, poderia ser vinculada difusamente a diversos conteúdos (Fontanille; Zilberberg, 2001). A exaustiva seleção de conteúdos levaria a um estado-limite, ao único. Por consequência, o acento de cada repetição conduziria a uma maior tonicidade, porque não haveria mais a dispersão de conteúdos.

Voltando ao exemplo da foice e do martelo, quando o símbolo foi criado em 1918, vários discursos eram atrelados não somente à foice e ao martelo, mas também a outros emblemas concorrentes (enxada e martelo, forquilha e martelo etc.), assim como discursos diferentes. A convenção na escolha da foice e martelo eliminaria suas variantes, do mesmo modo que o estabelecimento do Partido Comunista concentraria a anterior difusão de conteúdos. Esse processo de triagem (Fontanille; Zilberberg, 2001) chega ao seu ápice pela extinção da forma do conteúdo, que a certo momento passa a considerar um sentido geral de comunismo ao invés de Partido Comunista. Nesse momento, chega-se ao mínimo, o signo torna-se símbolo e a correlação entre os planos é unívoca, pois:

Hjelmslev vai chamar sistemas de símbolos essas estruturas que são interpretáveis, porque se pode atribuir a elas um sentido, uma substância de conteúdo, mas são monoplanares, dado que não é possível atribuir a elas uma forma de conteúdo, já que expressão e conteúdo são reduzidos a uma só classe (Fiorin, 2003, p. 44).

No caso do comunismo, acreditamos que a dependência entre a expressão e o conteúdo é causada pela repetição (Hjelmslev, 2006, p. 42-43), pois a condensação dos conteúdos seria determinada pela repetição da expressão, levando à formação do símbolo. Em termos históricos, a fixação do emblema (anterior à condensação de conteúdos) conduziria por sua repetição à conformidade entre os planos.

Nesse tipo de dependência, em que um termo pressupõe o outro, mas não o contrário, encontra-se uma relação unilateral. A determinação é designada como seleção, quando se trata de um processo, e como especificação, quando se trata do sistema (Hjelmslev, 2006). Seguindo com o exemplo, a repetição ocorrida no plano da expressão selecionaria conteúdos.

Em termos tensivos, não se trata de subvalências que formarão valores, mas de valores que se comportam como subvalências para criação de valores de valores. Os conteúdos e

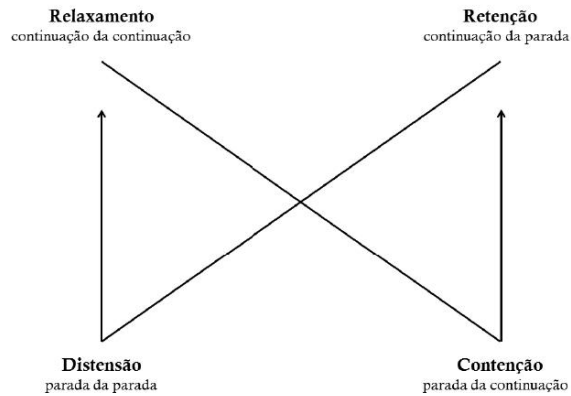


expressões considerados já possuem seus respectivos valores, então, busca-se encontrar um sistema para descrição desse processo supervalorativo. Em razão desse ponto de vista, ambos os planos, formados por extensidade e intensidade, entrariam em um processo de minimização.

O plano da expressão em seu regime exclusivo atingiria uma extenuação da extensidade, devido à proposta da convenção em estabelecer um único emblema, cujo acento seguiria o caminho inverso, rumo à tonicidade. Essa triagem levada a cabo chegaria ao único, causando uma parada processual, uma retenção, pois sua continuação resultaria em um processo inverso ou a uma extinção. No plano do conteúdo, a difusão de significados traria a atonia, pois, caracterizada pelo regime participativo, a repetição do emblema perderia em impacto, porque a cada vez repetido, seu significado poderia ser interpretado de maneiras diversas, mas limitadas. Como se a repetição do significante, foice e martelo, a depender do discurso, teria um número finito de possibilidades de conteúdo, ou seja, um signo comum, com suas variações de significado.

Essa inadequação dos planos exigiria uma resolução em um dos planos, por isso um processo de concentração dos conteúdos seria iniciado para ajustar-se ao plano da expressão. Essa seleção, em um regime inverso, reverteria gradativamente a atonia rumo à alta tonicidade. A repetição agenciaria a adequação entre os planos justamente por expor seu descompasso. A distensão promoveria a retomada do processo de ajuste rumo ao relaxamento entre os planos. Essas transições tensivas, de paradas e continuações, podem ser observadas no esquema a baixo:

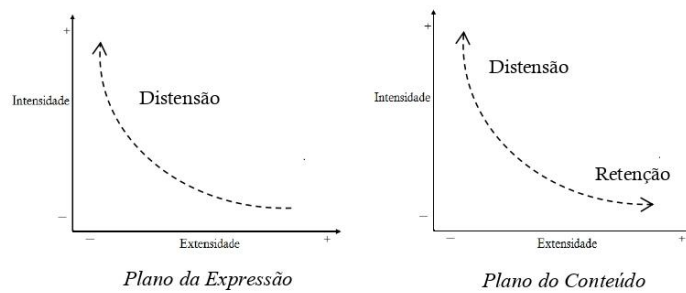
Esquema 1 – *Quadrado semiótico de paradas e continuações*



Fonte: Tatit (2014, p. 379).

A sequência processual de paradas em direção às continuações teria a seguinte configuração nos esquemas tensivos abaixo, nos quais a extensidade está relacionada no plano da expressão ao número de variações plásticas do(s) emblema(s) e no plano do conteúdo, à difusão dos significados, e a intensidade está ligada ao impacto produzido por suas respectivas repetições.

Esquema 2 – *Relação tensiva entre os planos*



Fonte: autoria própria.



Porém o que ocasiona essa triagem? Como um conteúdo torna-se mais concentrado em relação a outros? Para isso, deve haver um fator selecionador nessa difusão de significado.

Ora, dentro desse universo de potencialidades, haveria a eleição de determinados usos em detrimento de outros. Por meio de sua repetição efetuada pelo grupo social, um conteúdo teria maior saliência que outro. O conceito de norma linguística torna-se apropriado então para explicar porque algumas formas são mais empregadas. O uso vai determinar essa seleção, atribuída a diversos fatores, como a eficiência na comunicação, por exemplo. Logo, movidos pelos valores de concentração (a unidade o Partido, a unificação do movimento dos trabalhadores, etc.), que vão regular a tensão entre conteúdos dispersos e expressão uniforme, a norma endógena (daquele grupo russo) passa a ser a regra geral, torna-se exógena (Klinkenberg, 2010).

No caso do comunismo, em um exemplo de estabelecimento do símbolo como norma exógena, quando o emblema se tornou símbolo, houve uma necessidade de colocá-lo nas bandeiras de todo país seguidor daquela ideologia (norma exógena). Entretanto, como a norma exógena prevê, em um sistema de oposições, uma norma endógena, o Partido dos trabalhadores da Coreia do Norte não segue as normas do símbolo, produzindo uma norma endógena: sua bandeira constitui-se da sobreposição das figuras do martelo, enxada e pincel, representando respectivamente os operários, os trabalhadores rurais e os intelectuais. A constituição do símbolo como norma dá-se, então, por sua repetição em uma práxis enunciativa e o enunciador seria conduzido a realizar a forma mais recorrente. O próprio sistema linguístico regularia a determinação dos valores. No entanto, como foi mencionado anteriormente, o percurso tensivo do sistema simbólico leva à extinção do plano do conteúdo e o que era signo passa a ser símbolo, porque a repetição normativa deixa de ser local para ser global.

Segundo Lemos (2015), a repetição poderia ser percebida em termos globais e locais na linearidade textual:

O componente global é estabelecido pelo recorte de extremidades e cria uma totalidade. O componente local cria intervalos e segmenta o texto em partes. Ao integrar o ritmo, a repetição requer uma noção global e outra local, de todo e de parte, para se fazer sentir. Precisamos tanto da identificação, quanto da linearidade e da saliência [...].

Em outra escala, a repetição também age de forma intensa e/ou extensa no texto. Entendemos extenso como uma força centrífuga que espraia o sentido e é, portanto, coextensivo ao texto. Intenso, inversamente, é a força centrípeta e concentradora do partitivo, de valores expressos por uma ou mais partes (Lemos, 2015, p. 137).



Transposto esse excerto para o sistema simbólico, a repetição local acentua o ritmo pelo plano da expressão favorecendo a concentração de conteúdos diversos e quando o estabelecimento normativo nesse regime de minimização promove um único significado, a repetição local torna-se global. Seria possível afirmar que nesse caso de produção simbólica por determinação, a repetição local, retensiva, teria como resolução outra repetição, distensiva.

Além disso, podemos salientar que nesse cenário há uma linearidade temporal no caso do símbolo, pois as repetições ocorrem sucessivamente em um determinado período de tempo na história, mas a espacialidade é planar, pois não há linearidade no espaço da repetição simbólica, ele ocorre em diversos lugares separadamente. Somente o percurso linear temporal estabelecido pelo enunciatário em sua leitura reúne essa exposição simbólica espalhada espacialmente. Essa intermitência da repetição cria um acúmulo, gerador de uma concentração de conteúdos.

Desse modo, a norma não é a responsável integral pela produção do sistema simbólico, senão a maioria do sistema linguístico seria monoplanar, anulando sua própria condição semiótica, mas sua progressividade excessiva geraria o símbolo. O sistema simbólico seria resultado de um sistema de excesso tensivo. A determinação da repetição (Hjelmslev, 2006), conduzida pela norma (Coseriu, 1979), sobre os planos da expressão e do conteúdo somada a um processo de minimização extremo (Zilberberg, 2011) gerariam o símbolo.

Como foi visto no caso do comunismo e do nazismo, a definição do emblema, expressão concentrada átona, estava ligada inicialmente a certos conteúdos, cuja repetição local criava atonia do signo. Porém a seleção dos conteúdos pelo uso de um emblema, levada à extenuação, resultou em um único conteúdo, o Partido Comunista e o Partido Nazista, que atingiria a extinção do plano do conteúdo resultando em um sentido abstrato (substância): o Comunismo, o Nazismo. Nesse momento, a repetição do símbolo distende-se globalmente.

Esse excesso que rompe limites é o produtor da extinção e essa mudança é compreendida pela dimensão concessiva. Embora a relação inversa entre as valências dos planos seja notadamente marcada, cada eixo é direcionado implicativamente. No caso dos exemplos acima, enquanto a extensividade seguia para o cada vez menos, a intensidade ia para o cada vez mais, ou seja, a relação inversa (ou ...ou) entre os eixos, internamente seria constituída de uma relação conversiva (e ...e) em cada eixo. Consequentemente, o ápice da dimensão implicativa dentro de cada eixo, e concessiva entre os eixos, seria a extenuação na extensividade e a saturação na intensidade, isso quer dizer, um “signo mínimo”. A partir dessa configuração,



a lógica concessiva, internamente a cada eixo, sobreviria a essa direção, pois seguindo o regime implicativo das categorias minimização e recrudescimento, o “próximo passo” seria na direção inversa:

Diante de uma ascendência realizada, ou seja, de um paradoxismo absoluto de plenitude comportando unicamente mais, o desencadeamento da descendência consiste necessariamente na subtração de, pelo menos, um mais. À continuação desse processo, damos o nome de atenuação, definindo-a em termos de degressividade como projeção no campo de presença, de cada vez menos mais (Zilberberg, 2011, p. 56).

Contraditoriamente, o limite do regime implicativo é uma concessão, pois embora haja somente mais no percurso ascendente, seu bloqueio é inevitável rumo ao somente menos (ou perder “mais”). Seguindo esse raciocínio, a concessão que intervém em cada eixo nada mais é que a continuação do processo implicativo inicial. Porém, quando esse somente mais não é interrompido pelo caminho inverso e segue-se com o acréscimo, temos uma mudança de limites.

Essa transição de limites para limiares não depende apenas da análise individual de cada eixo, posto que a dinâmica é constituída de relações entre os eixos da intensidade e da extensidade. Assim, os eixos têm suas direções orientadas pela relação que existe entre eles, o limite é estabelecido nessa dinâmica.

Portanto, em um percurso descendente, a extinção seria a manutenção da extenuação, que instalaria uma extensão do limite tensivo para em seguida voltar à lógica normal, cuja consequência é a dimensão ascendente (Zilberberg, 2012, p. 28). Pode-se dizer que numa focalização interna em cada eixo, a concessão faz os limites e a implicação torna-os limiares. Essa flutuação dos limites traz maior dinâmica às relações entre os termos:

Na perspectiva contínua dos modelos extensivos [...]. O intervalo é sempre variável entre dois extremos, conforme as possibilidades do sistema considerado. Sua alteração traz consequências importantes ao modelo descritivo. Um aumento no número de termos da estrutura faz aumentar o intervalo entre os extremos e torna mais fina a determinação da intenção [...] (Lopes, 2004, p. 46).

Os limitadores situados no extremo do eixo tensivo tomam-se intermediários por conta da mudança concessiva, porém, vale ressaltar, isso é um acontecimento no sistema e, como tal,



não pertence à tendência da regra geral, ou seja, a formação do sistema simbólico é uma exceção prevista no sistema.

A repetição global do único gera um aumento no impacto, a expressão do símbolo em conformidade com um conteúdo exclusivo não possui mais potenciais concorrentes na distribuição do sentido, não há mais distribuição, o símbolo deixa seu único significado ao ser manifestado. A norma local é alçada ao estatuto de regra geral e toda variante estará em oposição ao símbolo estabelecido no sistema, caracterizando um desvio. A lógica anterior da exclusão atribuída aos aumentos e diminuições da repetição retorna à lógica implicativa. O conteúdo e a expressão do símbolo, em relaxamento, não se expandem e nem se concentram, sua pertinência estará na quantidade da repetição relacionada ao impacto. Contudo, segundo a lógica da própria repetição, “a ausência total de mudança leva a uma estagnação: o texto volta sempre ao seu início e não há evolução” (Lemos, 2015, p. 130). Porém um acontecimento (Zilberberg, 2011) pode rearranjar a monotonia repetitiva do símbolo, levando-o talvez a um processo inverso de expansão dos conteúdos ou quiçá a uma maior concentração.

Entretanto tal processo não integra nosso escopo e aparentemente ele só poderia ser previsto nas virtualizações do sistema, sem haver ainda uma realização semiótica. Como esse tema ultrapassa os limites da presente investigação, mais uma vez trata-se de especulações.

### **Considerações finais**

A investigação sobre o conceito de símbolo, baseada na teoria hjelmsleviana, revela a complexidade de definir e identificar símbolos dentro de um sistema semiótico. A análise demonstra que a conformidade entre o plano da expressão e o plano do conteúdo possui também um viés diacrônico para a compreensão do sistema simbólico. A repetição ao longo do tempo se faz necessária para que essa conformidade se consolide e um emblema adquira um valor simbólico real e duradouro.

O processo de repetição contribui para a formação de uma identidade que pode ser reconhecida e associada consistentemente a um determinado grupo ou indivíduo. No entanto, sem essa repetição contínua, a conformidade entre os planos da expressão e do conteúdo permanece insuficiente para a criação de um símbolo forte e unificado.

Ademais, a consideração do tempo e da repetição na formação dos símbolos também se aplica a contextos históricos e políticos. Exemplos como a foice e o martelo no comunismo ilustram como a repetição ao longo do tempo e a concentração de significados específicos podem transformar uma marca em um símbolo poderoso. Esses símbolos ganham uma força



que transcende suas origens imediatas, moldando identidades coletivas e movimentos sociais de maneira profunda e duradoura.

Em suma, a abordagem propõe uma reflexão contínua sobre os processos de formação e manutenção dos símbolos. A pesquisa desses processos é fundamental para compreender a complexidade e a importância dos símbolos tanto em sua configuração linguística, estrutural, quanto na construção das identidades culturais e sociais. A pesquisa não pretende esgotar o tema, mas iniciar um debate sobre os fatores que contribuem para a criação e permanência dos símbolos, incentivando novas investigações e discussões sobre a relevância desses elementos na semiótica e na vida social. Seguindo com a proposta inicial, a formação do símbolo pode ser entendida como determinada. Nos casos apresentados, a concentração do plano do conteúdo regida pela repetição da expressão constituiria o símbolo.

Desse modo, é importante, no futuro, examinar a relação inversa prevista no sistema, em que a repetição expande o conteúdo. Embora essa investigação<sup>4</sup> não faça parte do escopo da presente análise, a inversão prevista no sistema oferece uma nova perspectiva que pode enriquecer a compreensão do processo simbólico. Esse aspecto estimula o desenvolvimento do assunto, sugerindo que a repetição não apenas reduz e reforça, mas também tem o potencial de ampliar e, talvez, diversificar o significado dos símbolos ao longo do tempo — de volta ao signo.

### Referências

BORBA, Francisco D. S. *Dicionário UNESP do Português contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2004.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989*. Proíbe a fabricação, comercialização, distribuição ou veiculação de símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada para fins de divulgação do nazismo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 jan. 1989.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1979.

FIORIN, José Luiz. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810>. Acesso em: 08 nov. 2024.

---

<sup>4</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÈS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Uol. *Grande dionário Houaiss da Língua Portuguesa Beta*, 2012. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- KHUTAREV, VLADIMIR. A foice e o martelo: o místico emblema do país dos soviets. *Gazeta Russa*, 20 jul. 2014. Disponível em: [http://gazetarussa.com.br/arte/2014/07/20/a\\_foice\\_e\\_o\\_martelo\\_o\\_mistico\\_emblema\\_do\\_pais\\_dos\\_sovietes\\_26525](http://gazetarussa.com.br/arte/2014/07/20/a_foice_e_o_martelo_o_mistico_emblema_do_pais_dos_sovietes_26525). Acesso em: 08 nov. 2024.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. La Mutation des Normes Sociales et Langagières: Conditions de Production des Littératures Périphériques. In: KASSAB-CHARFI, S. *Altérité et Mutations dans la Langue: Pour Une Stylistique des Littératures Francophones*. Bruxelas: Academia-Bruylant, v. Coleção Au Cœur des Textes, 19, 2010. p. 17-28.
- LEMOES, Carolina Lindenberg. *Condições Semióticas da Repetição*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, 2015.
- LOPES, Marcos. Semântica extensiva. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata C.; (ORG.) *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Cultura acadêmica editora, 2004. p. 36-49.
- TATIT, Luiz. *Todos entoam*. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê, 2011.
- ZILBERBERG, Claude. *La structure tensiva suivi de Note sur la structure des paradigmes et de Sur la dualité de la poétique*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2012.

Recebido em 29 de julho de 2024  
Aceito em 28 de agosto de 2024

## Anexo B



Thiago Moreira Correa &lt;thiago.correa@unesp.br&gt;

**[EntreLetras] Cadastro como Avaliador na revista EntreLetras**

1 mensagem

via Portal de Periódicos da PROPEQ/UFNT <no-reply\_ufnt@acessoacademico.com.br>  
Responder a: Portal de Revistas - UFNT <dirpesq@ufnt.edu.br>  
Para: Thiago Moreira Correa <thiago.correa@unesp.br>

26 de julho de 2024 às 16:31

Devido ao conhecimento excepcional na sua área de atuação, tomamos a liberdade de cadastrá-lo na base de dados de avaliadores de nossa revista, EntreLetras. Seu cadastro não significa assumir responsabilidade alguma, apenas permitindo solicitar sua avaliação de submissões, de acordo com seus interesses. Ao ser convidado para avaliar um artigo, estarão disponíveis informações como o título e resumo da submissão, podendo aceitar ou rejeitar o convite. Caso deseje ser removido da lista, basta entrar em contato a qualquer tempo solicitando sua remoção.

Seus dados de acesso, login e senha, utilizados para interagir com o sistema e realizar atividades, como por exemplo atualizar seu perfil e a área de interesse para avaliação, estão incluídos nesta mensagem.

| online | [Thiago Moreira](#)

responder a: Thiago Moreira Correa <thiago.correa@unesp.br>  
Cícero da Silva

EntreLetras

If you'd like to unsubscribe and stop receiving these emails [click here](#).

## Anexo C



VII Congresso Municipal de Educação  
**CONECTAR**  
**SABERES**  
 PARA A PRÁTICA



## Certificado

Certificamos que **Thiago Moreira Correa**,  
 RG **43.116.541-5**, participou como palestrante com o tema  
**Análise de canções – uma leitura multimodal**

### VII Congresso Municipal de Educação

promovido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo  
 e realizado em **27** de novembro de 2024, com duração de **2h**  
 no Pavilhão de Exposições do Distrito Anhembi.

São Paulo, **27** de novembro de 2024.

  
 Simone Adarecida Machado  
 Coordenadora - COPED | SME

	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA</b> CCHLA
<h1>Certificado</h1>	
<p>Certificamos que <b>THIAGO MOREIRA CORREA</b>, CPF 326.492.398-08, participou do evento <b>CONFERÊNCIA - A SEMIÓTICA NA LEITURA DE TEXTOS MULTIMODAIS</b> realizado durante o período de <b>16/04/2025</b> a <b>16/04/2025</b> como <b>CONFERENCISTA</b> com uma frequência de <b>100%</b>.</p>	
Cumprindo uma carga horária de	<b>4</b> Horas
<b>João Pessoa, 22 de Abril de 2025</b>	
Número do documento: 1262955      Código de Verificação: 660f53b62b	
Para verificar a autenticidade deste documento acesse <a href="https://sigeventos.ufpb.br/eventos/documentos">https://sigeventos.ufpb.br/eventos/documentos</a> , informando o número do documento, data de emissão do documento e o código de verificação.	

14/07/2025, 17:56

Detalhes do curso: A Linguagem do Grafite nos muros da Escola 2025/T1

[VOLTAR](#)**Acessar meus cursos**RF SENHA 

Ao informar os meus dados, declaro ter ciência e concordar com o [Termos de uso e política de privacidade da APROFEM.](#)

**[Categorias de Cursos](#)**

- [Cursos a Distância \(EAD\)](#)  
5 Curso(s)
- [Congressos](#)  
1 Curso(s)
- [Cursos Livres](#)  
8 Cursos(s)
- [Cursos de Idiomas](#)  
5 Cursos(s)
- [Extensão Universitária](#)  
4 Cursos(s)
- [Pós-graduação](#)  
1 Cursos(s)
- [Segunda Licenciatura](#)  
1 Cursos(s)
- [Programas de Formação](#)  
6 Cursos(s)
- [Graduação](#)  
1 Cursos(s)

**A LINGUAGEM DO GRAFITE NOS MUROS DA ESCOLA 2025/T1**

Despacho de homologação nº 25100, publicado no DOC de 07/07/2025, página 191.

Descrição

14/07/2025, 17:56

Detalhes do curso: A Linguagem do Grafite nos muros da Escola 2025/T1

[ENTRE PARA SE INSCREVER](#)

### Temas abordados

O suporte no Currículo da Cidade. Níveis de pertinência da análise linguística. Pertinência do suporte na significação textual. Análise textual a partir do suporte. O suporte em práticas didáticas de letramento.

---

### Inscrições abertas

Abertura de Inscrições: **03/07/2025 (QUINTA-FEIRA), às 21h.**

#### Atenção!

- Ao realizar a inscrição, você **está ciente e de acordo** com todas as informações referentes ao curso, horários, datas, estrutura de estudo e regras.
  - É de responsabilidade do filiado que, antes de se inscrever, observe se faz parte do público-alvo, já concluiu o mesmo curso anteriormente ou se está inscrito em outro curso com a mesma data de encerramento.
  - A **DATA FIM** do curso será no dia **28/07/2025**. Não é permitido realizar cursos com mesma data de encerramento, para evitar problemas no cadastro de certificado no Sistema EOL. Em caso de mais de uma inscrição (em cursos com a mesma data fim), será considerada a primeira inscrição realizada e as demais serão automaticamente canceladas (sem possibilidade de remanejamento / troca).
- 

### Vagas

Turma 1: 2.500 vagas.

---

### Público-alvo

Agente de Apoio, Agente Escolar, Analista de Inf.Cult. e Desp. – Biblioteca, Assistente de Diretor de Escola, Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, Auxiliar Técnico de Educação, Bibliotecário, Coordenador de Ação Cultural, Coordenador de Ação Educacional, Coordenador Pedagógico, Diretor de Divisão Técnica, Diretor de Divisão/Chefe De Núcleo, Diretor de Escola, Diretor Regional de Educação, Gestor de Centro Educacional Unificado, Prof. de Ed. Infantil, Prof. Ed. Inf. e Ens. Fund. I, Prof. Ens. Fund. II E Médio, Supervisor Escolar

---

### Carga horária

20 horas, sendo 16 horas on-line e 4 horas de aula ao vivo (síncrona), transmitida via aplicativo ZOOM.

---

14/07/2025, 17:56

Detalhes do curso: A Linguagem do Grafite nos muros da Escola 2025/T1

### Cronograma de estudo

- **Acesso on-line:** 10/07/2025 a 28/07/2025
- **Aula ao vivo (transmitida pelo ZOOM):** 27/07/2025 (DOMINGO), das 08h às 12h. \*Aula obrigatória e não haverá reposição\*.

**MÓDULO 1:** das 12h do dia 10 de julho às 23h59min do dia 15 de julho de 2025.  
(a avaliação será liberada dia 11/07, a partir das 12h).

**MÓDULO 2:** das 12h do dia 17 de julho às 23h59min do dia 22 de julho de 2025.  
(a avaliação será liberada dia 18/07, a partir das 12h).

**MÓDULO 3:** das 12h do dia 24 de julho às 23h59min do dia 28 de julho de 2025.  
(a avaliação será liberada dia 25/07, a partir das 12h).

**AULA SÍNCRONA (AO VIVO):** 27/07/2025 (DOMINGO), das 08h às 12h.

Você deve instalar o aplicativo Zoom no seu computador para acompanhar a aula síncrona. [Consulte aqui](#) alguns vídeos de orientação que preparamos, para melhor aproveitamento da plataforma.

---

### Professor Regente

Thiago Moreira Correa

---

### Certificação

Obterá aprovação quem realizar as atividades de cada módulo (vídeos/textos/avaliação on-line/fórum), ter rendimento satisfatório e participar da aula ao vivo (aula síncrona), que será transmitida via plataforma ZOOM.

---

### Cancelamento de inscrição

O cancelamento de inscrição deverá ser feito em até dois dias antes do início do curso, diretamente no Portal APROFEM, visando aproveitamento da vaga para a lista de espera.

- Faça seu login na área restrita;
- Acesse a página do curso que deseja cancelar;
- Como você está inscrito, o botão que irá aparecer é o "cancelar". Clique e efetive seu cancelamento.

Obs.: Não haverá cancelamento após esse prazo e ocorrerá automaticamente bloqueio para quem não cancelar, independentemente da justificativa.

### Importante!

<https://www.aprofem.com.br/cursos/detalhes/44>

3/4

14/07/2025, 17:56

Detalhes do curso: A Linguagem do Grafite nos muros da Escola 2025/T1

- 1) Ocorrerá bloqueio de inscrições para os filiados que se inscreverem em cursos a distância e não comparecerem ou não finalizarem a carga horária exigida.
- 2) Alertamos que o bloqueio será automático e valerá para um curso, com data de inscrição que ocorra após o encerramento do curso que o filiado faltou ou não concluiu.
- 3) Sendo um bloqueio automático, não haverá necessidade de justificativa à APROFEM, pois ele ocorrerá independentemente do motivo alegado.
- 4) O filiado ficará impedido de participar de um curso, podendo retomar sua inscrição para os próximos (desde que não surjam novas ausências).
- 5) Para evitar este bloqueio, basta fazer o cancelamento de inscrições em até dois dias antes do início do curso, diretamente no Portal APROFEM, visando aproveitamento da vaga para a lista de espera. Não haverá cancelamento após esse prazo e o bloqueio ocorrerá, automaticamente, da forma mencionada nos itens acima.
- 6) Contamos com a sua compreensão, pois nosso objetivo é a otimização das vagas oferecidas para cada curso.

## ANEXO D



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Araraquara



## ATESTADO

Atestamos que o Prof. Dr. **THIAGO MOREIRA CORREA**, do(a) / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP/MEC, participou em 17 de fevereiro de 2025, como MEMBRO TITULAR da Comissão Examinadora do Exame de QUALIFICAÇÃO de ERIKA MATHEUS SILVA DOS SANTOS, discente regular do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Curso de Mestrado Acadêmico, cujo trabalho se intitula **Uma análise semiótica de representação de mulheridades trans no candomblé** . A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1. Prof. Dr. MATHEUX NOGUEIRA SCHWARTZMANN (NOME SOCIAL) / MATHEUS NOGUEIRA SCHWARTZMANN (NOME CIVIL) (Orientadora - Participação Virtual)  
Departamento de Linguística / UNESP Campus de Assis
2. Prof. Dr. THIAGO MOREIRA CORREA (Participação Virtual)  
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP/MEC
3. Profa. Dra. JULIA LOURENÇO COSTA (Participação Virtual)  
Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Araraquara, 17 de fevereiro de 2025.

  
Aline Ferreira Cavalcanti  
Supervisora Técnica de Seção  
Seção Técnica de Pós-Graduação

**Universidade de São Paulo****Declaração de Participação em Exame de Qualificação**

O(A) Prof(a). Dr(a). Thiago Moreira Corrêa participou, na qualidade de membro, da Banca Examinadora do Exame de Qualificação de Doutorado, do(a) pós-graduando(a) Leandro Lima Ribeiro no programa Linguística - Área: Semiótica e Linguística Geral, realizada em 10 de Março de 2025, ocorrida no(a) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

São Paulo, 15 de Julho de 2025.

**Este documento eletrônico dispensa carimbo e assinatura. Sua autenticidade pode ser comprovada fornecendo-se o código de controle na seguinte página da Universidade de São Paulo: <https://uspdigital.usp.br/iddigital>**

Documento emitido às 09:22:56 horas do dia 15/07/2025 (hora e data de Brasília)

Código de controle: 7DFVHMJIW9NVJ4IW

Código de controle válido até: 31/12/2100



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Universidade de São Paulo

Serviço de Pós-Graduação

São Paulo, 16 de fevereiro de 2024

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o(a) Prof(a). Dr(a). **Thiago Moreira Corrêa** participou, nesta data, da defesa do trabalho de Mestrado do(a) Sr(a) João Furio Novaes, intitulado: "Das tábuas às telas: uma análise tensiva da técnica da escrita e de suas transformações históricas", na área Semiótica e Lingüística Geral, sob a presidência do(a) Prof.(a) Dr.(a) Waldir Bevidas, integrando a Comissão Julgadora, formada pelos Professores Doutores:

**Waldir Bevidas**

**Thiago Moreira Corrêa**

**Juliana Di Fiori Pondian**

**Marcelo Aparecido Rede**

**FFLCH - USP**

**Externo**

**UFF**

**FFLCH - USP**

Atenciosamente,

**Daiane Neres da Silva - Defesas de Mestrado e Doutorado da FFLCH/USP**

Serviço de Pós-Graduação

defesaspos.fflch@usp.br / +55 (11) 3091-4626/4623

Rua do Lago 717, sala 118 - Cidade Universitária - Butantã - CEP 05508-080

18/06/2025, 14:42

SEI/UFMG - 5501955 - Declaração



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CNPJ nº 05.055.128/0001-76  
POS-GRADUACAO EM DESIGN  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

### DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.026908/2025-93

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, no uso das atribuições que lhe são conferidas, declara que os docentes abaixo citados, participaram no dia 04 de junho de 2025 da Banca Avaliadora do Exame de Qualificação do projeto dissertativo intitulado "**DESIGN ATIVISMO: a retórica do design gráfico nas capas do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**", apresentado pelo aluno do Mestrado em Design da UFG **Yann Kildery Torres de Oliveira**:

Dr. Wellington Gomes de Medeiros – Orientador/Presidente- PPGDesign/UFMG;

Dra. Camila Assis Peres Silva – Membro interno - PPGDesign/UFMG;

Dr. Thiago Moreira Correa - Membro externo - UNESP

Wellington Gomes de Medeiros, Ph.D.

Coordenador do PPGDesign



Documento assinado eletronicamente por **WELLINGTON GOMES DE MEDEIROS, COORDENADOR(A)**, em 09/06/2025, às 17:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **5501955** e o código CRC **00B13D53**.

Referência: Processo nº 23096.026908/2025-93

SEI nº 5501955

7/15/25, 9:41 AM

Lista de Orientados

**Janus** Sistema Administrativo da Pós-Graduação

Lista de orientados atuais

Orientador: Thiago Moreira Corrêa N° USP: 5159094

---

Coorientandos atuais

---

Área	NUSP	Nome	Início prazo	Término prazo	Situação	Data da situação	Matriculado
Semiótica e Linguística Geral (8139)	9937540	Gizelia Mendes Saliby	01/03/2022	24/02/2027	Matrícula de Acomp.	14/07/2025	Sim
Semiótica e Linguística Geral (8139)	13553036	João Furio Novaes	19/02/2024	19/02/2028	Matrícula de Acomp.	14/07/2025	Sim

---

Total: 2

7/15/25, 9:41 AM

Lista de Orientados

<b>Janus</b> Sistema Administrativo da Pós-Graduação	
Lista de orientados atuais	
Orientador: Thiago Moreira Corrêa	Nº USP: 5159094
<hr/>	
Total: 2	Emitido em 2025-07-15 09:41:25.276

7/15/25, 9:41 AM


Lista de Orientados

## DECLARAÇÃO

Eu, Mariana Luz Pessoa de Barros, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar), declaro, para os devidos fins, que o professor Thiago Moreira Correa (UNESP) atua, desde abril de 2025, como coorientador da pesquisa de mestrado em andamento de Malik Asbahr Nasser da Mata, intitulada "A cor das outras vozes: inscrições urbanas, literatura e resistência", desenvolvida no âmbito deste programa sob minha orientação.

São Carlos, 16 de julho de 2025.

Atenciosamente,

 Documento assinado digitalmente  
MARIANA LUZ PESSOA DE BARROS  
Data: 16/07/2025 18:23:34-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros  
PPGL – Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

## Anexo E

**CERTIFICADO DE COORDENAÇÃO DE SIMPÓSIO**

Certificamos que

**Iara Rosa Farias e Thiago Moreira Correa**

coordenaram o simpósio

**Ensinar com semiótica e como ensinar semiótica**

no VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos, realizado em modalidade presencial na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP, São Paulo, Brasil), no período de 01 a 04 de julho de 2025.



*Renata Mancini*  
Renata Mancini  
Presidente da ABES

**CERTIFICADO DE COORDENAÇÃO DE SIMPÓSIO**

Certificamos que

**Daniela Nery Bracchi e Thiago Moreira Correa**

coordenaram o simpósio

**Semiótica da fotografia: práticas e textos fotográficos**

no VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos, realizado em modalidade presencial na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP, São Paulo, Brasil), no período de 01 a 04 de julho de 2025.



*Renata Mancini*  
Renata Mancini  
Presidente da ABES



## Educação e Cidadania na Era da Desinformação

2º Congresso Internacional e Multidisciplinar Educação

10 a 12 - Junho | 2025 • Evento online

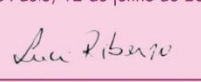
### CERTIFICADO

Certificamos, para os devidos fins, que **Thiago Moreira Correa** coordenou o Grupo de Trabalho **GT12. Multiletramentos e Tecnologias Digitais na Educação Básica** no 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar de Educação – *Educação e Cidadania na Era da Desinformação*, realizado de 10 a 12 de julho de 2025, de modo on-line.

São Paulo, 12 de junho de 2025



**Camilo Flamaron**  
Coordenação-geral



**Luci Ribeiro**  
Curadoria



**Edilza Correia Sotero**  
Comissão Científica

Apoio Institucional:



Organização:



Documento: 32649239808

Chave: DC6262A80079272FEE914E7D148A4BB7

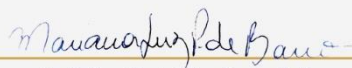
## CERTIFICADO

CERTIFICAMOS QUE

*Thiago Moreira Correa*

PARTICIPOU COMO ORGANIZADOR DO 1º SEMINÁRIO INTER-INSTITUCIONAL DE SEMIÓTICA, COM CARGA HORÁRIA TOTAL DE 20 HORAS.

Araraquara, 13 de junho de 2025



Prof. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros  
UFSCar



## Anexo F



VII Congresso Municipal de Educação  
**CONECTAR  
 SABERES**  
 PARA A PRÁTICA 2024



## Certificado

Certificamos que **Thiago Moreira Correa**,  
 RG **43.116.541-5**, participou como palestrante com o tema  
**Análise de canções – uma leitura multimodal**

### VII Congresso Municipal de Educação

promovido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo  
 e realizado em **27** de novembro de 2024, com duração de **2h**  
 no Pavilhão de Exposições do Distrito Anhembi.

São Paulo, **27** de novembro de 2024.

  
 Simone Aparecida Machado  
 Coordenadora - COPED | SME



### CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

Certificamos que  
**Thiago Moreira Correa**  
 apresentou o trabalho

#### Nos muros da escola: traços de gestão e vozes pedagógica

no VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos, realizado em modalidade presencial na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP, São Paulo, Brasil), no período de 01 a 04 de julho de 2025.



  
 Renata Mancini  
 Presidente da ABES

